

**BRUNA MOURA ALVES**

**ESTUDO DE CASO SOBRE UMA CRIANÇA COM TDAH:  
TECENDO OLHARES SOBRE O PERCURSO ESCOLAR.**

BRASÍLIA/DF

2017

**BRUNA MOURA ALVES**

**Estudo de caso sobre uma criança com TDAH:  
tecendo olhares sobre o percurso escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título em Licenciatura em Pedagogia, tendo como Orientadora Professora Doutora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

**BRASÍLIA/DF**

2017

**BRUNA MOURA ALVES**

Monografia de autoria de Bruna Moura Alves, intitulada *Estudo de caso sobre uma criança com TDAH: tecendo olhares sobre o percurso escolar*, apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela universidade de Brasília, em 19 de setembro de 2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire - Orientadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edileuza Fernandes da Silva - Examinadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar- Examinadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Francisco Rengifo-Herrera - Suplente  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a minha filha Luna que, mesmo ainda em meu ventre, me deu forças para vencer as dificuldades surgidas, ao meu esposo que me incentivou quando achava que não daria conta, aos meus pais e ao meu irmão Lucas que me apoiaram e são as razões de tudo na minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela minha vida, pela minha saúde, pela oportunidade de levantar todos os dias e por ter me guiado ao longo desses anos da minha graduação.

A minha filha Luna, que a cada movimento em meu ventre é um incentivo para que eu possa continuar batalhando em busca de meus objetivos, e que logo estará em meus braços trazendo-me ainda mais alegria.

Ao meu esposo, que me acompanhou ao longo dessa jornada, me incentivou e esteve comigo o tempo todo.

Aos meus pais, que são minhas razões, pessoas pelo qual eu quero dar ainda mais orgulho e vê-los felizes.

A toda minha família, que sempre esteve ao meu lado.

A minha amiga Mayara, no qual sinto um imensurável carinho e gratidão.

A minha orientadora Professora Doutora Sandra Ferraz, sempre carismática e sorrindo, que com sua inteligência e suavidade fez tudo se tornar mais fácil.

A Universidade de Brasília, que por sete semestres se tornou meu segundo lar, lugar onde eu aprendi e cresci muito como pessoa, como acadêmica, como um ser pensante e cheio de sentimentos e possibilidades.

Aos professores do curso de pedagogia

Enfim a todas as pessoas que fizeram parte desta minha caminhada, meu muito obrigada!

*“... A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.  
Caminhos certos e errados, encontros e desencontros  
do começo ao fim.  
Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.  
O melhor professor nem sempre é o de mais saber,  
é sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir  
e manter o respeito e a disciplina da classe...”*  
**Cora Coralina**

## RESUMO

O presente estudo tem por finalidade compreender como ocorre a interação de um aluno com TDAH no âmbito escolar, mais precisamente, em uma escola pública do DF; quais as dificuldades que o mesmo enfrenta e quais as motivações propostas pelo docente para que o mesmo permaneça em sala de aula e participe das atividades propostas e qual a participação da família no processo de ensino aprendizagem desse aluno. Diante dos aspectos observados surgem os seguintes questionamentos: Como lidar com esses alunos dentro da sala de aula, promovendo a inclusão de forma efetiva, para que o processo de aprendizagem seja alcançado por todos? Quais as dificuldades encontradas por crianças com TDAH no processo de aprendizagem e na interação em sala de aula? Qual a importância da família no processo de inclusão e ensino aprendizagem do aluno com TDAH? O professor pode contribuir para uma aprendizagem significativa em crianças diagnosticadas com TDAH? Quais as estratégias pedagógicas para trabalhar com os conteúdos para alunos que foram diagnosticados? Para responder a estes questionamentos foram adotados os seguintes objetivos específicos: compreender as características do TDAH; identificar a percepção dos professores sobre os aspectos facilitadores e as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem do aluno com diagnóstico de TDAH; verificar como ocorre o processo de inclusão do aluno no ambiente escolar e identificar a participação da família no processo de inclusão e ensino aprendizagem do discente. Optou-se por uma abordagem de cunho qualitativo, sendo que o método adotado foi o Estudo de Caso. Conclui-se a importância de um ambiente educativo onde o aluno TDAH possa desenvolver suas habilidades e competências tendo em vista a aprendizagem significativa.

**Palavras-Chave:** TDAH. Subjetividade. Inclusão. Dificuldades de escolarização.

## ABSTRACT

The present study aims to understand how the interaction of a student with ADHD occurs in the school context, more precisely, in a public school in the Federal District; what difficulties it faces and what motivations the teacher proposes to remain in the classroom and participate in the proposed activities and what the participation of the family in the teaching process of that student. Faced with the observed aspects, the following questions arise: How to deal with these students within the classroom, promoting inclusion in an effective way, so that the learning process is reached by all? What are the difficulties encountered by children with ADHD in the learning process and classroom interaction? What is the importance of the family in the process of inclusion and teaching student learning with TDHA? Can the teacher contribute to meaningful learning in diagnosing children with ADHD? What pedagogical strategies to work with content for students who have been diagnosed? In order to answer these questions, the following specific objectives were adopted: to understand the characteristics of the ADHD; to identify the teachers' perception about the facilitating aspects and the difficulties in the teaching and learning process of the student diagnosed with ADHD; to verify how the process of inclusion of the student in the school environment occurs and to identify the participation of the family in the process of inclusion and teaching learning of the student. He opted for a qualitative approach, and the method adopted was the Case Study. It concludes the importance of an educational environment where the TDHA student can develop their skills and competences with a view to meaningful learning.

**Keywords:** TDHA. Process of Teaching and Learning. Subjectivity. Inclusion. Difficulties.

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA.....	18
1.1 CARACTERIZAÇÕES DO SUJEITO COM TDAH.....	18
1.1.1 TDAH Tipo Desatento .....	22
1.1.2 TDHA Tipo Hiperativo-Impulsivo.....	23
1.1.3 TDAH Tipo Misto .....	25
2.1 TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	25
2.3 OS ALUNOS COM TDAH COMO SUJEITOS NOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.....	29
2.4 PESQUISAS SOBRE O TDAH: O DESTAQUE SOBRE A SUBJETIVIDADE.....	32
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	39
CAPÍTULO 4: RESULTADOS .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
APENDICE I - ENTREVISTA COM O PROFESSOR .....	54
APENDICE II- ENTREVISTA COM FAMÍLIA.....	56

## MEMORIAL EDUCATIVO

### Ressignificando Vivências

Meu nome é Bruna Moura Alves, filha de José Maria Gomes da Silva e Rosimary Moura Gomes, nascida em 25 de junho de 1995, na cidade de Planaltina DF, onde cresci e desde onde moro desde então.

Meus avós maternos são oriundos de Angical, cidade localizada no Estado do Piauí, onde minha avó casou-se aos 14 anos dessa união vieram 18 filhos. Infelizmente não teve a oportunidade de estudar e meu avô era mestre de obras. Devido às dificuldades, logo toda a família veio peregrinando até Brasília em busca de condições melhores de vida, aonde meu avô teve a oportunidade de contribuir para a construção da cidade.

Meus avós paternos são oriundos de Parnaíba também localizada no Piauí e tiveram 6 filhos. Minha avó é alfabetizada, seus pais eram conhecidos por serem donos de uma grande riqueza composta por cabeças de gado e terras. Meu avô abandonou a família e sendo assim eu não tive a oportunidade de conhecê-lo, deixando minha avó com seus filhos em situação financeira crítica desde que seus pais faleceram, o que a levou a trabalhar em casas de famílias, creches, até conquistar o que tem hoje, atualmente é artesã e corredora de atletismo profissional.

Iniciei minha trajetória escolar aos quatro anos no Jardim I em uma escola pública infantil em Planaltina, DF, esta foi uma fase muito difícil para mim. Até os oito anos tive um grande problema de interação com os demais colegas. Era tímida ao extremo, não interagia, não respondia a chamada, não brincava de roda, sempre fiquei quieta, comportamento este que alertou a psicóloga da escola e a mesma convidou meus pais para uma reunião e posteriormente os orientou para viabilizarem um acompanhamento com um Psicólogo Infantil, no que eles concordaram. Hoje eu não me recordo das consultas, apenas tenho conhecimento de algo pelos relatos dos meus pais, os quais afirmam que nada foi diagnosticado, ou seja, nenhum transtorno ou algo do gênero foi observado, apenas disseram que com o tempo isso iria passar.

Aos sete anos fui transferida de escola, onde cursei a 1º série do Ensino Fundamental I, no ano seguinte mais uma vez mudei-me de escola na qual estudei por três anos, da 2ª série a 4ª série, onde tive um melhor desenvolvimento, melhorei na timidez, participava mais das aulas e brincadeiras.

No ano de 2006, novamente fui matriculada em outra escola onde permaneci até a sétima série. Estes foram os anos onde eu amadureci, posso dizer que foi a transição da infância para a fase da adolescência, onde assuntos e brincadeiras eram outros, foi a fase escolar que muito me marcou, pois me descobri outra pessoa, em profunda transformação onde sentidos e significados foram se agregando a minha essência como ser humano.

No ano de 2009, novamente migrei para outra escola onde cursei apenas a oitava série, foi ótimo, cresci ainda mais, pois já estava praticamente indo para o Ensino Médio. No ano de 2010 fui para minha última escola onde estudei os três anos do Ensino Médio, foi um dos melhores anos da minha vida, pois eu tinha prazer de ir à escola, amava realmente, tinha inúmeros amigos e era muito divertido. O ambiente da escola era maravilhoso, os diretores e professores excelentes. Senti uma enorme falta quando conclui o Ensino Médio, me senti perdida e sem saber qual rumo tomar tendo em vista que não tinha sido aprovada no PAS e nem no ENEM.

Diante disso, optei por ingressar em um curso técnico de secretariado pelo SENAC na cidade de Sobradinho, e para ser sincera, posso afirmar com convicção, que naquela época foi a decisão mais acertada. Os anos em que ali estive posso dizer que foram memoráveis, pois, me identifiquei com as matérias, com os assuntos abordados, com as pessoas, éramos grandes amigos, até mesmo com os professores, inclusive nutro um imenso carinho e admiração pela professora Patrícia Ferreira de quem jamais me esquecerei.

Quando o curso finalizou, logo consegui um emprego na área. Fui trabalhar como técnica em secretariado em um órgão público, onde permaneci por 18 meses. Junto ao ingresso no mercado de trabalho, veio a aprovação no vestibular da UnB para o segundo semestre do ano de 2014. Essa foi uma sensação única de profundo deleite e uma realização pessoal. Demorei a acreditar que tinha conseguido ser aprovada em um vestibular tão concorrido como o desta renomada universidade. Logo, a família em peso veio me felicitar, foram momentos de muita alegria para todos e, especialmente, para mim.

Sempre tive em mente cursar duas graduações por paixão e vocação, um bem distinto da outra: Medicina Veterinária e Pedagogia. Prestei vestibular para veterinária pelo ENEM em 2012, mas como a nota de corte é muito alta, não obtive sucesso, então desisti e no vestibular da UnB escolhi o curso de Pedagogia. Desde então, tenho a convicção que fiz a escolha certa. Amo os conhecimentos e experiências que esta formação proporciona e a área que irei atuar. Ser pedagogo, atuar na educação de crianças e poder ser um agente ativo em

seu processo de aprendizagem é oportunidade única e de grande responsabilidade. Logo, percebi que ser veterinária, lidar com animais para mim é um hobby, sendo que atualmente participo de ONGs junto a abrigos para animais em situação de abandono. E isso já me realiza também.

Quando ingressei na universidade me senti tão pequena, perdida. Eu percebia a universidade como um lugar imenso e diferente. Por esse e outros motivos, demorei a me adaptar com tudo. As pessoas eram diferentes, mas com o tempo, fui me ajustando. Entretanto, trabalhava o dia inteiro e isso consumia minhas forças e ânimo para estudar. Por isso, no terceiro semestre, resolvi pedir demissão do emprego e passei a me dedicar somente aos estudos. Foi a melhor escolha que fiz, pois conseguia explorar mais o espaço e as oportunidades que a universidade oferece. No quinto e sexto semestre cursei o projeto IV, que foi a realização do Estágio Supervisionado. Nesse período, pude confirmar a minha vocação. Realizei a primeira fase em uma escola pública do plano piloto, onde eu pude participar do cotidiano escolar: planejamento das aulas; auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, enfim, ter o meu momento como professora. Posso dizer, com veemência, que eu amei. Nessa turma tinha um aluno com Síndrome de Down, o que fez dessa uma experiência excepcional e desafiadora.

Realizei a segunda fase em uma escola pública de Planaltina, DF, onde vivenciei a experiência de trabalhar junto a um aluno com TDAH. Vale mencionar que foram inúmeros momentos de aprendizagem. No Projeto V, momento da construção do trabalho final de curso, já no último semestre, pude constatar quão valoroso foi meu percurso. Foram anos de amadurecimento como pessoa, desenvolvimento da minha subjetividade. Minha trajetória formativa me propiciou novos olhares, novas visões de mundo e me oportunizou um norte para minha vida profissional. Foi minha realização, e hoje sou plenamente grata por tudo, pela minha vida, por todos aqueles com quem convivi em minha trajetória escolar e a todos os professores que deixaram um pouco do seu conhecimento agregados em mim, e a Universidade de Brasília que me acolheu e me proporcionou momentos intensamente agradáveis e inesquecíveis.

Cumprе mencionar que ao longo dessa trajetória, a curiosidade por compreender as especificidades do TDAH, se deu pelo fato de que em minha família possuímos um ente com essa especificidade de desenvolvimento, sendo que pude constatar em diversos momentos que o mesmo enfrenta diversas dificuldades por não ser compreendido em suas particularidades por seus genitores e também no âmbito escolar. Pretendo com esse estudo poder auxiliar essa criança em seu percurso escolar e também agregar conhecimento a minha bagagem acadêmica

para contribuir na promoção de uma educação de qualidade aos futuros alunos com TDHA que encontrei ao longo de minha trajetória profissional.

Portanto, quando vi a oportunidade de desenvolver um trabalho investigativo, logo escolhi esse tema, pois teria a chance de conhecer as especificidades e torná-las compreensíveis para mim, minha família e minha atuação como futura profissional.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é atualmente um dos temas mais polêmico e controverso envolvendo crianças em idade escolar, que divide estudos e pesquisadores. O TDAH foi descrito pela primeira vez em 1902 pelo pediatra inglês George Still, o qual notou mudanças consideráveis de comportamento em crianças. O mesmo considerava que o fator não era imputado por problemas educacionais, mas sim por determinantes biológicos. O transtorno vem sendo estudado em vários países e desde 1960 recebeu diversas denominações, tais como: irrequietação Phillis; doença de Still; distúrbio de Impulso; Lesão Mínima do Cérebro; Disfunção Cerebral Mínima e Reação Hiperkinética da Infância (COUTO, et al, 2010)

Em 1980, o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM-III) denominou o transtorno como TDA, pelo fato de considerarem que a dificuldade em se concentrar e manter a atenção era o fator predominante. No entanto, em 1987, o Transtorno de Déficit de Atenção foi renomeado para TDAH, recuperando o destaque na hiperatividade e na impulsividade, sintomas que outrora haviam sido menos considerados. Após a publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM-IV), reconhece-se a existência do TDAH do tipo com predominância na desatenção (ARAÚJO; NETO, 2013).

Autores pesquisadores como Barkley (2002) e Cunha (2001) pressupõem o TDAH como um dos distúrbios de comportamento que atinge a vida do indivíduo tanto socioafetiva, como profissional e, principalmente, escolar e, com isso, ele pode ser caracterizado por atividade motora excessiva, falta de atenção, impulsividade. Acredita-se que seja uma das principais fontes de encaminhamento de crianças escolares ao sistema de saúde (Barkley et al, 2008) por parte dos profissionais da educação. Devido à inadequação ao padrão pedagógico convencional, é comum que alunos com TDAH apresentem comportamentos inadequados ao mesmo tempo em que são percebidos, por parte dos docentes, como “entraves” a manutenção de um clima harmonioso em sala de aula. Diante do mencionado observa-se que na atualidade, muito se discute sobre a questão do aluno com TDAH, mas em contrapartida são poucos os profissionais da área da educação que conhecem e compreendem as dificuldades enfrentadas por estes alunos relacionadas à atenção, hiperatividade e impulsividade.

É inegável que dissertar sobre esse assunto tem sido uma atividade desafiadora, seja por falta de conhecimento da problemática pelas pessoas; pelo ceticismo da existência do transtorno; ou até mesmo pela tendência de a literatura que versa sobre o assunto condenar alguém. Diante deste desafio, os argumentos vão desde a afirmação de que a escola não oportuniza condições positivas de aprendizagem para os alunos com TDAH, pois os conteúdos não são atraentes e significativos e os professores não conseguem propor uma metodologia diferenciada que atraia a atenção do aluno com TDAH; até o pretexto de que a causa seja exclusivamente biológica, ou ainda, seja a ausência da imposição de limites e regras pelos genitores (REIS; CAMARGO, 2006).

Um fator a ser destacado é que esses alunos ao serem diagnosticados como portadores deste transtorno necessitam de um suporte educacional especializado para que possam desenvolver suas habilidades e competências acadêmicas. Outro fator que merece destaque refere-se à existência de inúmeras dúvidas e mitos acerca do TDAH. A ausência de conhecimento ainda perdura entre médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, pedagogos, familiares e os próprios portadores do TDAH (BONADIO; MORI, 2013)

É de conhecimento geral que entre os educadores, esse obscurantismo intensifica as sensações de impotência e insatisfação, pois o TDAH atinge não apenas o comportamento, mas também o processo de aprendizagem. De acordo com pesquisas bibliográficas realizadas em teses, dissertações, artigos científicos, periódicos, livros e revistas digitais, é possível constatar que grande parte das publicações abordam unicamente os aspectos comportamentais do TDAH. Tem-se conhecimento que os comportamentos hiperativos, disruptivos e impulsivos afetam não apenas no cotidiano do docente e do aluno, mas em toda a escola (BONADIO; MORI, 2013). Talvez por esse motivo, esses comportamentos acabem obtendo maior crédito por parte dos profissionais. No entanto, cumpre ressaltar que variações no funcionamento cognitivo, com consequências principalmente nas funções executivas, na linguagem (receptiva e expressiva), e nas habilidades motoras fazem parte do quadro clínico e devem ser pesquisadas, pois, tais dificuldades afetam a capacidade de aprendizagem e o desempenho escolar (BONADIO; MORI, 2013).

Diante do exposto, pode-se afirmar que conviver com os sintomas de TDAH e suas implicações não é um problema apenas dos alunos assim classificados e seus familiares. Os professores têm importante papel e real responsabilidade na melhoria do processo de aprendizagem. Portanto, mesmo que quisessem, não poderiam ser excluídos do tratamento do TDAH. Nessa perspectiva, torna-se necessário à capacitação do docente para que consiga

identificar os sintomas e as características do aluno com TDAH, com a intenção de desenvolver estratégias metodológicas eficazes de ensino e manejo comportamental para seus portadores contribuindo para a melhora da qualidade de suas vidas (BONADIO; MORI, 2013).

A inclusão do aluno com TDAH é um processo complexo que abrange diferentes dimensões, sejam ideológicas, socioculturais, políticas ou econômicas, abrangendo também as relações no que diz respeito aos sentimentos, significados, necessidades e ações políticas. É inegável que os pontos de partida da educação inclusiva sejam o coletivo, a escola e a classe regular, onde todos os alunos, com deficiência, portadores de transtorno ou não, necessitam ter acesso ao conhecimento, à cultura e a possibilidades de interação e inserção social. (BONADIO; MORI, 2013)

Estudiosos como González Rey (1999), Mitjans Martínez (2006), Tacca (2006) e Tunes e Bartholo (2014) defendem a ideia de que o professor, em uma perspectiva inclusiva, deve aceitar o aluno com deficiência ou o aluno portador de transtorno em sua totalidade, compreendendo-o como sujeito subjetivado e com capacidade de subjetivação que é “ativo, intencional, consciente e emocional em sua totalidade” (MITJÁNS MARTINEZ, 2006, p.380). Vale destacar ainda sobre este processo: “que mudanças na subjetividade social da escola e nos sistemas de valores e crenças do professor são necessárias para que se possa organizar o trabalho pedagógico na direção mais adequada” (MARTINEZ, 2006, p.382).

Tendo em vistas os aspectos mencionados anteriormente, além de que no período de Estágio Supervisionado a pesquisadora constatou as dificuldades encontradas pelos docentes para disporem de metodologias e técnicas de ensino que priorizem um atendimento de qualidade ao aluno com TDAH. Ao considerar essas questões de extrema relevância e instigantes que justificaram a escolha desta temática como objeto de estudo desta pesquisa: compreender como ocorre a interação de um aluno com TDAH no âmbito escolar, mais precisamente, em uma escola pública do DF; quais as dificuldades que o mesmo enfrenta e quais as motivações propostas pelo docente para que o mesmo permaneça em sala de aula e participe das atividades propostas e qual a participação da família no processo de ensino aprendizagem desse aluno.

Diante dos aspectos observados surgem os seguintes questionamentos: Como lidar com esses alunos dentro da sala de aula, promovendo a inclusão de forma efetiva, para que o processo de aprendizagem seja alcançado por todos? Quais as dificuldades encontradas por crianças com TDAH no processo de aprendizagem e na interação em sala de aula? Qual a importância da família no processo de inclusão e ensino aprendizagem do aluno com TDHA?

O professor pode contribuir para uma aprendizagem significativa em crianças diagnósticas com TDAH? Quais as estratégias pedagógicas para trabalhar com os conteúdos para alunos que foram diagnosticados?

Para responder a estes questionamentos e delimitar a investigação primeiramente estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: investigar o comportamento do aluno TDAH, as possíveis consequências na relação do processo de ensino e aprendizagem e suas implicações no processo de inclusão em uma Escola Pública do Distrito Federal. Posteriormente foram definidos os objetivos específicos sendo eles: compreender as características do TDAH; identificar a percepção dos professores sobre os aspectos facilitadores e as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem do aluno diagnóstico de TDAH; verificar como ocorre o processo de inclusão do aluno no ambiente escolar e identificar a participação da família no processo de inclusão e ensino aprendizagem do discente.

Este trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a Revisão de Literatura sendo esta organizada em quatro seções as quais irão abordar os seguintes tópicos: Caracterização do TDAH; TDAH no ambiente escolar: a atuação pedagógica do professor na mediação do conhecimento; os alunos com TDAH como sujeitos nos processos de aprendizagem e desenvolvimento e Pesquisas sobre TDAH: o destaque sobre a subjetividade. O segundo capítulo aborda a metodologia adotada para a realização da pesquisa, sendo que se optou por uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório, com questionários e entrevistas e conversas, utilizando-se o Estudo de Caso de um aluno com TDAH em uma Escola Pública do Distrito Federal. Participaram do estudo, além do aluno com TDAH, a família do aluno e a docente que atua junto ao estudante. O terceiro capítulo traz em seu teor os resultados da pesquisa por meio de análise das informações coletadas. Nas considerações finais, as quais apontam que a importância de um trabalho integrado entre família, aluno com TDAH, professores e outros profissionais, possibilitam à criança ser incluída de forma organizada e estruturada em seu cotidiano, construindo possibilidades para que o mesmo tenha uma formação plena e de qualidade.

## CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

### 1.1 CARACTERIZAÇÕES DO SUJEITO COM TDAH

O TDAH é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em disfunções com os períodos de atenção, com contenção do impulso e com o nível de atividade (BARKLEY, 2002, p. 35). Tais problemas são independentes da criança e constata-se que a mesma não demonstra capacidade de controlar seus próprios comportamentos durante determinado tempo. Vale destacar que não se trata apenas de um estado temporário que será superado, ao contrário, constitui uma condição normal da infância. Não é causado por falta de disciplina ou controle parental. “O TDAH é um transtorno real, um problema real, e frequentemente, um obstáculo real” (BARKLEY, 2002, p. 35).

Paralelamente, ainda se supõe que existem ainda dois problemas interligados a este transtorno que são: resistência para seguir regras e instruções e a divergência em suas respostas a determinadas situações. Esses sintomas vão impactar diretamente o indivíduo em sua vida acadêmica; em seus relacionamentos familiares e amorosos; sua vida social e a vida laboral também poderão ser prejudicadas. Importante destacar que, dados apontados pela Associação Brasileira do Déficit de Atenção, demonstram que o TDAH acomete em torno de 3 a 5% da população infantil do Brasil e de vários países do mundo onde o transtorno já foi pesquisado. Nos adultos estima-se um percentual de aproximadamente 4%. Segundo o DSM-5, levantamentos populacionais sugerem que o TDAH ocorre na maioria das culturas em cerca de 5% das crianças e 2,5% dos adultos.

Outro fator que merece relevância é que segundo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o TDAH é mais recorrente no sexo masculino do que no feminino na população geral, na proporção de 2:1 em crianças e de 1,6: 1 em adultos, com maiores chances de pessoas do sexo feminino se apresentarem primariamente com características de desatenção em comparação com as do sexo masculino. Cumpre explicitar que existem inúmeras pesquisas em todo o mundo, inclusive no Brasil, que demonstram que a predominância do TDAH é idêntica em regiões distintas, o que demonstra que o transtorno não é secundário a fatores culturais (as práticas de determinada sociedade, etc.); o modo como a família doutrina os filhos ou resultado de conflitos psicológicos.

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA (2017) estudos científicos demonstraram que portadores de TDAH têm alterações na região frontal e as suas

conexões com o resto do cérebro. A região frontal orbital é uma das mais avançadas no ser humano em comparação com outras espécies animais e é encarregada pela repressão do comportamento (isto é, controlar ou interditar comportamentos inconvenientes), pela competência de manter a atenção, memorizar, autocontrolar, organizar e planejar. O que aparenta estar desordenado nesta região cerebral é o desempenho de um sistema de substâncias químicas chamadas neurotransmissoras (principalmente dopamina e noradrenalina), que transmitem informações entre as células nervosas (neurônios) (ABDA, 2017).

Esse transtorno encerra uma infinidade de sinais e sintomas que foram estudados a partir de diversas disciplinas como a psicologia, a psicopedagogia, a medicina entre outras. A partir do modelo médico neurológico, o TDAH é visto como possíveis disfunções ou anomalias cerebrais. Para a psicopedagogia, a hiperatividade infantil relaciona com deficiências perceptivas e dificuldades para a aprendizagem. O modelo psiquiátrico caracteriza por uma excessiva atividade motora, ausência de atenção e impulsividade. Eles adotaram os critérios propostos pela Associação Americana de Psiquiatria (bonadio; mori, 2013).

Para alguns autores como Mattos (2007), os sintomas do TDAH podem aparecer logo nos primeiros anos de vida, pois notam-se alterações no desenvolvimento neurológico e emocional do indivíduo. Mães de crianças com o transtorno dizem que elas costumavam a se movimentar muito, quando ainda eram fetos e ao nascerem nos primeiros meses demonstravam ser irritadas, choronas, e irrequietas durante o sono.

Segundo Barkley (2002, p. 239), o TDAH é um transtorno comportamental real e, para atestar que existe esse transtorno, os cientistas necessitam demonstrar que as diferenças do comportamento das crianças portadoras de TDAH das que não o apresentam ocorrem em diferentes situações, mas não necessariamente em todas elas. A criança não responde com sucesso a toda a atividade a ela proposta e tem maior possibilidade de apresentar sintomas da patologia com o crescimento. São inúmeras causas que levam ao diagnóstico do TDAH e não somente situações ambientais ou sociais, bem como fatores biológicos (por exemplo, genética, traumas, toxinas) (RODHE; MATTOS, 2003).

Segundo Mattos (2001) o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um problema frequente, entre crianças e adolescentes. Pode causar vários problemas na vida do indivíduo e, se não for diagnosticado e tratado de maneira correta, pode permanecer por toda a vida.

O modelo comportamental define o transtorno partindo da avaliação do comportamento no ambiente, estudando as situações específicas nas quais eles surgem. Eles apontam para a existência de um padrão de condutas concretas, manifestadas em respostas as condições ambientais adversas. Para o modelo psicofisiológico foram realizadas uma série de pesquisas que determinam que o déficit de atenção seja produto de uma subativação do Sistema Nervoso Central, enquanto outros consideram o contrário, ou seja, que é uma hiperativação reticular. Por fim, o enfoque psicanalítico, compreende que este transtorno é a forma de evadir a fantasia de morte ou funciona também como mecanismo de compensação de estados de ansiedade motivados por depressão (BRANDÃO, 2011).

Em todo caso, os traços mais característicos do TDAH são: a desatenção, a hiperatividade e impulsividade, que afetam a criança tanto na área comportamental quanto na área cognitiva. Apresentam, além disso, uma escassa tolerância à frustração, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento com seus pares. Existem casos nos quais aparecem condutas agressivas e desafiadoras, sobretudo pela dificuldade que têm em aceitar normas e limites. Nestas crianças a atenção apresenta-se com flutuações na distribuição de focos de atenção com a duração, intensidade e escolha de objeto inadequado. Portanto, sua percepção da realidade será realizada sobre a base dessas flutuações. Assim, a realidade percebida reflete alterações; é uma construção parcial da realidade. Sua atividade motora é traduzida em hiperatividade, apresentando debilidade motora e falhas na psicomotricidade. Seu estilo cognitivo é desorganizado e manifesta por meio de um pensamento irreflexivo, impulsivo, rígido e dependente do campo perceptivo.

Conforme sublinham Bonadio e Mori (2013) os principais parâmetros para realização de um diagnóstico preciso do TDAH são os sintomas clínicos, sendo estes a: desatenção, a hiperatividade e a impulsividade que a criança ou o adolescente apresentam no percurso de seu desenvolvimento comprometendo suas rotinas e suas relações pessoais e interpessoais na escola, no trabalho e em casa. Bonadio e Mori complementam dizendo que:

Os critérios utilizados para a realização do diagnóstico podem ser encontrados no DSM, utilizado com frequência nos Estados Unidos ou no CID 10, ambos usados também no Brasil por médicos e psicólogos ao emitir diagnósticos. O DSM elenca uma série de características a ser identificada para emitir o diagnóstico de TDAH, cuja essência se configura na persistência de desatenção e/ou hiperatividade em graus desproporcionais comparados a pessoas com desenvolvimento equivalente, sintomas hiperativo-impulsivos motivadores de prejuízo devem se manifestar antes dos sete anos. Os sintomas devem estar presentes em pelo menos dois contextos (na escola, no trabalho ou em casa) e devem interferir de maneira significativa no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional da pessoa, considerado apropriado ao nível de desenvolvimento. (BONADIO; MORI, 2013, p. 45-46)

É oportuno lembrar que, ao longo do tempo, o TDAH recebeu diversas denominações, como por exemplo, lesão cerebral mínima, síndrome hiperkinética e disfunção cerebral mínima. Os critérios estabelecidos para o diagnóstico de TDAH também têm variado bastante. Essas diferenças nos nomes e nos critérios diagnósticos podem confundir as pessoas. Por outro lado, na maioria das vezes os nomes mudaram para acompanhar os resultados das pesquisas e dessa forma refletir o maior conhecimento sobre o TDAH. Por exemplo, o termo “lesão cerebral mínima” foi utilizado no período em que se acreditava que seus portadores teriam uma lesão no cérebro, o que apesar de causar problemas graves no comportamento do paciente, era “mínima” o suficiente para não ser detectada em exames radiológicos e menos grave que problemas neurológicos tais como tumores cerebrais. Atualmente, sabe-se que o TDAH não é consequência de nenhuma lesão no cérebro.

De acordo com o manual DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual, 4ª edição) o TDAH se caracteriza por uma combinação de dois grupos de sintomas: 1) desatenção; 2) hiperatividade e impulsividade. Esses sintomas são relacionados no DSM-IV para tornar o diagnóstico mais normatizado e se caracteriza da seguinte forma:

**a) Sintomas da desatenção (devem ocorrer frequentemente):**

- Prestar pouca atenção a detalhes e comete erros por falta de atenção.
- Dificuldade de se concentrar tanto nas tarefas escolares quanto em jogos e brincadeiras.
- Numa conversa, parece prestar atenção em outras coisas e não escutar quando lhe dirigem a palavra.
- Dificuldade em seguir instruções até o fim ou deixar tarefas e deveres sem terminar.
- Dificuldade de se organizar para fazer algo ou planejar com antecedência.
- Evita, antipatiza ou reluta a envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante (como tarefas escolares ou deveres de casa);
- Perda de objetos necessários para a realização de tarefas ou atividades do dia-a-dia.
- Distrai-se com muita facilidade com coisas à sua volta ou mesmo com os próprios pensamentos. Daí que surgem as expressões que muitos pais e professores usam quando percebem sua distração: “Parecem que vivem no mundo da lua” ou que “sonham acordados”. Esquecem coisas que deveriam fazer no dia-a-dia.

**b) Sintoma de hiperatividade e impulsividade (devem ocorrer frequentemente):**

- Ficar mexendo as mãos e pés quando sentados ou se mexer muito na cadeira.
- Dificuldade de permanecer sentado em situações em que isso é esperado (sala de aula, mesa de jantar, etc.).
- Correr ou escalar coisas, em situações nas quais isto é inapropriado (em adolescentes e adultos pode se restringir a um sentir-se inquieto por dentro).
- Dificuldades para se manter em atividades de lazer (jogos e brincadeiras) em silêncio.
- Parecer ser “elétrico” e a “mil por hora”.
- Falar demais.
- Responder a perguntas antes de elas serem concluídas. É comum responder à pergunta sem ler até o final.
- Não conseguir aguardar a sua vez (nos jogos, na sala de aula, em filas, etc.).
- Interromper os outros ou se meter nas conversas alheias.

Ou seja, de acordo com o DSM-IV, os sintomas do TDAH devem surgir em um grau não ajustado e incoerente com o nível de desenvolvimento. Importante frisar que tais intensidades dos sintomas manifestados irão ocasionar problemas constantes, diferenciando-o da maioria, pois apresentaram contratempos significativos das habilidades sociais, acadêmicas ou ocupacionais.

De acordo com a classificação atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, existem três tipos de principais de TDHA: tipo desatento; tipo hiperativo-impulsivo; tipo misto. Cada tipo será descrito nas subseções a seguir.

**1.1.1 TDHA tipo desatento**

As características mais habituais do TDAH Tipo Desatento são: a desatenção, persistência à distração; dificuldade em manter o foco na realização de atividades mais complexas e percepção da passagem do tempo. Os principais sintomas do TDHA tipo desatento são:

- Desvia facilmente a atenção do que está fazendo e comete erros por prestar pouca atenção a detalhes. Muitas vezes distrai-se com seus próprios devaneios ou então um simples estímulo externo tira a atenção da pessoa do que está fazendo.
- Dificuldade de concentração em palestras, aulas, leitura de livros... (dificilmente termina um livro, a não ser que o interesse muito).
- Às vezes parece não ouvir quando o chamam (muitas vezes é interpretado como egoísta desinteressado)
- Durante uma conversa pode distrair-se e prestar atenção em outras coisas, principalmente quando está em grupos. Às vezes capta apenas partes do assunto ou enquanto "ouve" já está pensando em outra coisa e interrompe a fala do outro.
- Relutância em iniciar tarefas que exijam longo esforço mental.
- Dificuldade em seguir instruções, em iniciar, completar e só então, mudar de tarefa (muitas vezes é visto como irresponsável).
- Dificuldade em organizar-se com objetos (mesa, gavetas, arquivos, papéis...) e com o planejamento do tempo (costuma achar que é 10 e que o dia tem 48h).
- Problemas de memória a curto prazo: perde ou esquece objetos, nomes, prazos, datas. Durante uma fala, pode ocorrer um "branco" e a pessoa esquecer o que ia dizer.

### **1.1.2 TDHA Tipo Hiperativo-Impulsivo**

A agitação, hiperatividade, impulsividade são os traços mais significativos. Nesse caso a hiperatividade pode ser uma complicação, tendo em vista que desestabiliza o ambiente a seu redor. A procura constante por estimulação, impulsividade e dificuldade em refletir antes de agir pode ocasionar consequências, tanto para crianças quanto para adultos.

- Inquietação – mexer as mãos e/ou pés quando sentado, musculatura tensa, com dificuldade em ficar parado num lugar por muito tempo. Costuma ser o "dono" do controle remoto.
- Faz várias coisas ao mesmo tempo, está sempre a mil por hora, em busca de novidades, de estímulos fortes. Detesta o tédio.
- Consegue ler, assistir televisão e ouvir música ao mesmo tempo. Muitas vezes é visto como imaturo insaciável.

- Pode falar comer, comprar, compulsivamente e/ou sobrecarregar-se no trabalho. Muitos acabam estressados, ansiosos e impacientes: são os *workaholics*.
- Tendência ao vício: álcool, drogas, jogos, Internet e salas de bate papo...
- Interrompe a fala do (s) outro (s); sua impaciência faz com que responda perguntas antes mesmo de serem concluídas.
- Costuma ser prolixo ao falar, perde sua objetividade em mil detalhes, sem perceber como se comunica. No entanto, não tem a menor paciência em ouvir alguém como ele, sem dar-se conta que é igual.
- Baixo nível de tolerância: não sabe lidar com frustrações, com erros (nem os seus, nem dos outros). Muitas vezes sente raiva e se recolhe.
- Impaciência: não suporta esperar ou aguardar por algo: filas, telefonemas, atendimento em lojas, restaurantes, quer tudo para "ontem".
- Instabilidade de humor: ora está ótimo, ora está péssimo, sem que precise de motivo sério para isso. Os fatores podem ser externos ou internos, uma vez que costuma estar em eterno conflito.
- Dificuldade em expressar-se: muitas vezes as palavras e a fala não acompanham a velocidade da sua mente. Muitos quando estão em grupo, falam sem parar sem se dar conta que outras pessoas gostariam de emitir opiniões, fazer colocações e o que deveria ser um diálogo, transforma-se num monólogo que só interessa a quem está falando.
- A comunicação costuma ser compulsiva, sem filtro para inibir respostas inadequadas, o que pode provocar situações constrangedoras e/ou ofensivas: fala ou faz e depois pensa.
- Tem um temperamento explosivo: não suporta críticas, provocações e/ou rejeição. Rompe com certa facilidade relacionamentos de trabalho, sociais e/ou afetivos.
- Pode mudar inesperadamente de planos, metas.
- Sexualidade instável: pode alternar períodos de grande impulsividade sexual com outros de baixo desejo.
- Hipersensibilidade: pode melindrar-se facilmente, tendo uma tendência ao desespero, como se seu mundo fosse desmoronar-se a qualquer instante, incapacitando-o muitas vezes de ver a realidade como ela realmente é, e buscar soluções.

### 1.1.3 TDAH Tipo Misto

Este tipo demonstra concomitantemente as características dos tipos de TDAH desatento e hiperativo-impulsivo. Mesmo nos tipos mistos, a manifestação integral sofre uma variação de acordo. Em crianças menores, a hiperatividade é mais explícita, isto se deve por não ser conveniente aguardar um grau elevado de "concentração". Com o início da alfabetização, passa a ser mais perceptível que, além da agitação, pode ocorrer também uma tendência à distração, esquecimentos e desorganização. De um modo geral, a hiperatividade é mais frequente na infância e comumente diminui com o decorrer dos anos. Em adultos, normalmente se manifesta como hiperatividade mental.

## 2.1 TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO

A escola retrata uma diversidade cada vez maior em seu ambiente, e em diversos momentos, ao oposto do que se espera em relação à inclusão, assume uma posição excludente. Ainda permanece a opinião da ausência de condições para ensinar o “diferente”, nos termos de Arroyo (2007), abandonando-o a própria sorte, certo de que provavelmente ele não alcançará êxito em sua vida acadêmica ou que não conseguirá interagir-se com o meio em que se encontra inserido, excluindo-o das atividades comuns realizadas pelos alunos sem deficiência ou transtorno. É imprescindível que o docente compreenda que as dificuldades de aprendizagem levam o aluno a um comportamento e posturas vistas pela sociedade como inconvenientes. Diante do exposto visualiza-se a necessidade de mudanças de paradigmas para que o aluno com TDHA tenha o seu direito de escolarização garantido e seja efetivamente incluso no ambiente escolar. Oliveira (p.xx, 2012) ressalta que:

É preciso compreender o mundo subjetivo do aluno para conseguir ajudá-lo no seu processo de aprendizagem e entender suas dificuldades. É preciso entender todo o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, não perdendo o que já existe, a sua história escolar e todo o seu processo de aprender. É a partir da compreensão de como o sujeito aprende que podemos construir alternativas mais eficazes para aguçar no aluno a vontade de construir o conhecimento e conseguir construir a sua própria subjetividade escolar.

As escolas inclusivas propõem um modo de se construir o sistema educacional que considera as necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (MANTOAN, 1997, p.121)

Pode-se afirmar que o processo de inclusão está profundamente entrelaçado à subjetividade humana, conceituada por González Rey (2014) como: A organização dos processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua (p.108).

Importante frisar que para uma escola assumir efetivamente a inclusão torna-se imprescindível que a aprendizagem relevante para a vida do sujeito seja privilegiada, de maneira que o docente tenha um posicionamento crítico e reflexivo perante as estratégias adotadas e o Projeto Político Pedagógico da instituição deve privilegiar as necessidades de todos os discentes. Neste contexto, a proposta de inclusão pressupõe que o aluno com deficiência e transtornos tenham oportunidades de interagir, atuar e aprender com os demais alunos em ambientes que atendam às suas necessidades.

Em sua prática, o professor deve valorizar as potencialidades do aluno com transtorno proporcionando a ele suporte e mediando a sua aprendizagem e desenvolvimento. Parte dos professores que atuam em classes inclusivas ainda acreditam na impossibilidade da aprendizagem escolar dos alunos com deficiência e transtornos, além disso, priorizam aspectos decorrentes dos déficits reforçando o desenvolvimento dos “efeitos secundários” da deficiência ou transtorno (VYGOTSKI, 1995).

Salienta-se que o aluno com TDAH devidamente laudado conforme prevê a legislação vigente, tem garantido um atendimento sistematizado de forma a garantir a qualidade da educação ofertada ao mesmo, tendo em vista as suas particularidades como por exemplo: atividades, avaliações e provas diferenciadas, com um tempo maior para realização e suportes necessários, bem como flexibilização de currículo, apoio pedagógico adequado para atendimento de suas necessidades educacionais, tornando imprescindível que o docente tenha conhecimento dessas perspectivas e assim possa atuar como mediador do processo de ensino e

aprendizagem do aluno portador deste transtorno, compreendendo suas dificuldades e limitações e o mais importante suas características.

Nessa ótica, é de fundamental importância que questões relacionadas ao aluno com TDAH sejam compreendidas com maior exatidão para o atendimento de qualidade aos estudantes diagnosticados com esse transtorno nos espaços escolares. Nesta perspectiva, os docentes precisam ser respaldados, amparados na sua ação pedagógica com o intuito de fortalecer suas metodologias norteadas por um embasamento teórico, vislumbrando, conscientemente, novas práticas pedagógicas que auxiliem para a formação qualitativa e igualitária dos estudantes, dentro e fora do contexto escolar.

Vale ressaltar que a questão do TDAH nunca esteve tanto em destaque como na atualidade, sendo um dos assuntos que mais se tem discrepâncias, tendo em vista sua recente afirmação como quadro clínico. DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Ed. 2013) Analisando as publicações acerca dessa temática, constatou-se que crianças portadoras desse quadro apresentam inclinações para a desorganização e constantemente são taxadas de “desastradas”, devido a estes comportamentos, são repreendidos constantemente por familiares, professores e colegas de classe, o que é um fator prejudicial para sua autoimagem. É fundamental em observância a estes aspectos, haja a inversão desse “círculo vicioso” no sentido de intensificar, fortalecer a personalidade da criança por intermédio de atitudes positivas, para que a mesma possa aperceber-se de suas capacidades e assim se integre ao ambiente de sala de aula e participe proativamente das atividades propostas.

Outra preocupação constante refere-se à necessidade que o docente tenha um “olhar atento” e “sensível” com foco diferenciado em relação às crianças diagnosticadas com TDAH sendo este o ponto de partida para o trabalho pedagógico dos profissionais da educação frente a práticas pedagógicas adequadas. Importante ainda, que o docente compreenda que o desempenho do cérebro do TDAH é bastante intrínseco e que isto acaba por trazer-lhe um comportamento singular, responsável tanto por suas melhores qualidades, como por suas maiores angústias e desacertos.

Silva (2003) sublinha que o comportamento do TDAH nasce do que se chama **trio de base alterada de sintomas**, explicando que:

É a partir desse trio de sintomas – formado por alterações da atenção, impulsividade e da velocidade da atividade física e mental – que se irá desvendar todo o universo

que, muitas vezes, oscila entre o universo da plenitude criativa e o da exaustão de um cérebro que não para nunca (SILVA, 2003, p. 20)

Outro fator que merece ser compreendido pelo professor é uma das maiores dificuldades de um TDAH está em direcionar esforços para a execução de trabalhos que estabeleçam metas e prazos predeterminados, sendo consequência à desatenção originada por um cérebro envolto por um “intrincado” de pensamentos que se entrelaçam constantemente, prejudicando a realização da atividade solicitada no período estabelecido. Entretanto, essa característica descrita, não pode e nem deve ser confundida pelos docentes como ausência de habilidades, capacidades ou de conhecimento por parte do discente. É imprescindível saber interpretar o transtorno de cada um na sua subjetividade.

Salienta-se que dados os aspectos mencionados, para que se priorize e utilize práticas pedagógicas coerentes, instigantes, significativas e interativas para o atendimento aos estudantes diagnosticados com TDAH, é primordial que o professor tenha o desejo, pois, “nada se faz sem desejo. Impor o que quer que seja ao sujeito, se disso não manifestar desejo, é expor-se à recusa ou provocar a rejeição” (MEIRIEU, 1998, p.30).

Neira (2003) afirma que a prática pedagógica do professor deve estar pautada na cooperação e a valorização dos estudantes com diagnóstico de TDAH e sugere que as atividades para estas crianças sejam sistematizadas e atuem contra a dificuldade de atenção, concentração e memória.

Deve-se relevar ainda, a importância de que o docente unifique o conhecimento teórico (que supostamente tenha adquirido por meio de uma formação inicial e/ou continuada) com práticas pedagógicas pertinentes e significativas que revelem o ensino no sentido de incitar os estudantes com TDAH, a descobrirem-se perante o mundo. Práticas pedagógicas que fundamente o ensino no sentido de que o aluno faça descobertas, apure seu senso crítico, aprenda e possa compartilhar esse aprendizado, respeitando suas hipóteses na construção de hipóteses. Convém reiterar que a ação pedagógica por parte do professor e da escola, vai além da simples transmissão de conteúdo. Os grandes propósitos estabelecidos nos objetivos educacionais são imprescindíveis para uma análise global do processo acadêmico do estudante ao longo de uma série e, sem dúvida, durante uma etapa ou todo um ciclo de estudos.

Outra preocupação constante e que deve ser observado pelo docente, referem-se às estratégias para o manejo do aluno com TDAH. Essas estratégias se mostram eficazes para o acolhimento do aluno, organização e monitoramento do espaço. Torna-se imprescindível

ainda que o professor e demais membros da comunidade adotem procedimentos facilitadoras para as questões relacionadas à realização de tarefas e que mantenha um contato constante com a família tendo em vista a inclusão efetiva do aluno TDAH e a oferta de uma educação de qualidade ao mesmo.

Em vista dos aspectos apresentados é fundamental que o docente no processo de mediação reconheça as potencialidades do aluno com TDAH, pois este apresenta inúmeras características positivas, tais como: bom nível intelectual; criatividade aguçada; grande sensibilidade; forte intuição, levando-se em consideração que a desatenção melhora ao lhe serem propostas atividades interessantes e instigantes.

### 2.3 OS ALUNOS COM TDAH COMO SUJEITOS NOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

É de conhecimento geral que o TDAH é uma das grandes dificuldades e desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem encaradas pelas instituições de ensino, tendo em vista que nem sempre ocorrem mudanças de paradigmas e capacitação, por que não dizer formação continuada por parte dos docentes. A ausência de informações acerca da temática faz com que as escolas muitas vezes cometam equívocos relacionados aos métodos utilizados tanto no diagnóstico quanto nas estratégias de manejo com esses alunos. Mattos (2007) acrescenta que, para lidar com uma criança com TDAH, antes de qualquer coisa, o professor necessita conhecer e compreender o transtorno sabendo diferenciá-lo de “falta de educação, indolência ou preguiça”. Comungando com essa afirmação. Tiba (1996) afirma que: Diagnóstico apressado e equivocado tem feito pessoas mal-educadas ficarem à vontade para serem mal-educadas sob o pretexto de que estão dominadas pelo TDAH. O fato de serem consideradas doentes facilita a aceitação de seu comportamento impróprio. (p. 152)

O profissional da educação terá que conseguir equilibrar o atendimento as necessidades dos demais alunos com a dedicação de que uma criança com TDAH necessita o que pode ser complexo tendo em vista que as classes normalmente são compostas por um grande número de alunos, ou seja, encontram-se lotadas em sua maioria, uma realidade vivenciada em todo o território nacional.

Vale lembrar que a aprendizagem é um processo ao qual toda criança vai se apropriando conforme a sua convivência com seu grupo social, as experiências adquiridas nesse ínterim, pois para que ela possa sempre aprender precisa estar sempre interagindo com outras pessoas, pois de acordo com Pantoja (2005):

A aprendizagem é um processo interno e pessoal, que ocorre dentro do sujeito. No entanto, só as ações manifestas ou os comportamentos do sujeito (o que ele faz, diz ou produz) permitem a um observador externo concluir se houve ou não aprendizagem, na extensão e na competência desejáveis. Para que haja aprendizagem é necessária à ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. (p.35).

Torna-se imprescindível repensar e apropriar-se de novas práticas metodológicas, sendo que esta é uma das maneiras consideradas viáveis dentro do processo ensino-aprendizagem e que priorize o atendimento dos alunos levando-se em conta as diversas dificuldades de aprendizagem apresentadas. O professor deve priorizar um atendimento individualizado ao aluno com TDHA lhe propiciando ser autor de seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

[...] aprendizado não é desenvolvimento, entretanto, o aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKY, 1991, p. 101)

Por via de consequência pode se afirmar que a criança com TDAH evidencia dificuldades de atenção e de desenvolvimentos sociais, sendo assim é papel do professor auxiliá-lo a se adaptar da melhor forma possível, tanto nas atividades propostas em sala, quanto na sociedade. Torna-se fundamental também que o professor seja capaz de identificar as potencialidades e necessidades dos estudantes para equiparar oportunidades sem oferecer privilégios em detrimento das dificuldades em adaptar, adequadamente, sua prática pedagógica. De acordo com Oliveira (2012):

A mediação nesse caso é um desafio. É uma busca por encontrar e alavancar mecanismos de dificuldades tipicamente relacionadas ao não aprender em detrimento da falta de concentração nas tarefas escolares e na aula em si de alunos com TDHA.

Outro detalhe importante e que merece ser reafirmado refere-se ao fato de que a relação família e escola é fundamental para o desenvolvimento de qualquer criança, sobretudo para os alunos diagnosticados com TDAH. Escola e família devem participar em consonância

para o desenvolvimento da criança, tendo em vista que a ausência da integração entre a família e a escola faz com que fiquem alheias às dificuldades que o aluno possa estar enfrentando.

De acordo com Marturano (1999): “Escola e família constituem sistemas nos quais a criança está inserida e onde deve desempenhar papéis diversos, às vezes conflitantes”. (p. 135)

Importante destacar que quando a família e a escola trabalham unidas em virtude da criança com TDAH, elas contribuem para o seu tratamento, para sua socialização, não se deixando, de impor limites, pois, esta se mostra extremamente necessária, pois essa criança convive em uma sociedade repleta de regras e não se permitir que use dessa patologia para agredir; para complicar a vida dos outros, visto que, hoje em dia, com o avanço das pesquisas sobre a hiperatividade, o tratamento minimiza consideravelmente os sintomas, proporcionando à criança com TDAH uma vida mais tranquila. Alerta-se para o fato de que o tratamento só é eficaz quando existe essa parceria, pais e escola juntos auxiliando a criança a superar suas dificuldades de aprendizagem e interação, tornando-se sujeito ativo nesse processo de busca do conhecimento.

Compartilhando dessa convicção Weiss (2001) afirma que: Aprendizagem é um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca, meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola ambos permeados pela sociedade em que estão inseridos. (p. 26)

Nesse sentido deve-se dizer que escola e família trabalhando em cooperação expandem as possibilidades da criança de ter uma experiência intra escolar bem-sucedidas. Certo é que, a criança com TDAH possui dificuldades as quais os pais e a escola precisam procurar sanar em conjunto para que esse aluno possa alcançar êxito. Pode-se compreender essa afirmação quando Cavalcante (1998) afirma que “A colaboração entre pais e escola melhora o ambiente escolar e transforma a experiência educacional dos alunos numa vivência mais significativa”. (p. 155).

Convém ressaltar a necessidade de uma comunicação rotineira entre família e escola, para uma real compreensão de como a instituição lida com alunos com TDAH, e se os professores contam com orientações específicas para auxiliar o processo de aprendizagem de desses alunos. A família deve conhecer toda a proposta pedagógica que a escola oferece, para que possam tomar ciência de como seu filho será avaliado. Destaca-se que quando a criança

recebe suporte e é atendida de acordo com suas especificidades ela consegue desenvolver suas atividades, mesmo tendo suas limitações.

A aprendizagem escolar é um processo a longo prazo e pode ser mais complexo para algumas crianças que encontram dificuldades, podendo citar o aluno com TDAH. Assim, o apoio da família é de extrema relevância em todos os aspectos que envolvam a vida escolar de seus filhos. É necessário, sobretudo, dar apoio e demonstrar que está disponível a ajudar sempre que preciso.

Cumprе mencionar que a criança com TDAH chega a um momento de extremo cansaço mental e físico, o que pode ocorrer principalmente quando realiza tarefas de muito esforço e concentração e por este motivo acaba desistindo da realização das mesmas. Diante do mencionado, torna-se necessário que o docente em seu trabalho diário, precisa aplicar estratégias pedagógicas utilizando diferentes recursos e metodologias para auxiliar o aluno, respeitando o seu tempo e as suas particularidades. Para Craft (2004, p. 156), “A melhor forma para atuar com o aluno com esse transtorno é ensinar com a convicção de que o aluno poderá aprender”. É importante que o professor esteja motivado para lidar com esses alunos, para que assim o trabalho flua de maneira positiva, com obtenção de bons resultados quanto à aprendizagem significativa da criança.

#### 2.4 PESQUISAS SOBRE O TDAH: O DESTAQUE SOBRE A SUBJETIVIDADE

Em um primeiro momento, seria importante esclarecer que em uma sociedade escolarizada e competitiva, a escola constitui-se como a instituição social que mais agrega diferenças e diversidades. Entretanto, os profissionais que atuam nesse ambiente, inúmeras vezes, não estão capacitados para lidar com esta realidade que se caracteriza pela sua contradição e antagonismo, visto que a escola é um micro espaço da sociedade, sendo, portanto, firmada por um discurso e uma prática, não raramente, homogeneizadora. Assim, a escola convive com as contradições sociais, sendo estas refletidas em seu cotidiano, através das relações e interações ali estabelecidas.

Nota-se que se por um lado a diversidade é aspecto integrante do cotidiano da escola, por outro a possível ausência de capacitação e formação dos seus profissionais pode retratar rotulações, segregação e exclusão daqueles que não se adaptam nos padrões de ‘normalidade’ socialmente estabelecidos. Dessa forma, a escola preconiza em seu cotidiano uma prática socializadora que se concretiza através de valores, símbolos e significados que são produzidos

por meio de seu discurso. Diante desses aspectos pode-se afirmar a importância de uma parceria entre família, escola e profissionais da saúde comprometidos com o aprendizado e o desenvolvimento das crianças em idade escolar.

Arruda (2007), ao conceituar o TDAH define-o como:

Um transtorno mental crônico, multifatorial, neurobiológico, de alta frequência e grande impacto sobre o portador, sua família e a sociedade e caracterizado por dificuldade de atenção, hiperatividade e impulsividade que se combinam em graus variáveis e tem início na primeira infância, podendo persistir até a vida adulta. (p.89)

Esta se mostra uma das definições mais completas e acertadas sobre este transtorno, pois Arruda (2007) demonstra ter a preocupação de fundamentar cada uma de suas afirmações. Ao referir-se em um trecho de sua definição que o TDHA causa “grande impacto sobre o portador”, exprime que a patologia, é um transtorno que, não apenas perturba o sujeito, mas também implica consideravelmente na constituição da sua subjetividade, ou seja, intervém em suas vivências subjetivas e relações sociais.

Na perspectiva psicológica histórico cultural, a qual tem em Vygotski um de seus mais célebres defensores, a escola e a aprendizagem tem um papel fundamental, pois é nesse cenário social que o conhecimento, sistematizado pela cultura, é socializado e internalizado. Outro nome que é considerado como referência é Fernando González Rey, autor cubano que, a partir das obras de Vygotski, desenvolveu uma teoria da personalidade, onde a subjetividade tem como representação integradora a psique humana e seu caráter histórico social (UFRGS, 2011).

Entende-se por subjetividade a concepção de uma consciência pelo sujeito, que envolve o modo como ele se percebe e age no mundo. De acordo com González Rey (2005), a subjetividade é produzida de forma paralela no nível social e individual, oferecendo um caráter de construção, de um processo constante de formação do sujeito. Como este sujeito não é apenas natural, biológico e sim produzido a partir das relações e interações estabelecidas com o meio ambiente em que encontra inserido, a construção da subjetividade tem fortemente a marca dos espaços sociais vivenciados por esses sujeitos, que se constituem na dialética das relações sociais, dentre eles a escola.

Frisa-se que a composição da subjetividade de um indivíduo compreende sentimentos e pensamentos sobre si mesmo, são as emoções que são compostas a partir da relação com o outro e com a sociedade. Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, a subjetividade é constituída a partir do mergulho na vida social. A este mergulho cultural Pino (2005, p. 18) define como nascimento cultural, salientando o caráter social do psiquismo humano:

“(...) logo após o nascimento a maneira concreta como natureza, constitutiva da sua condição biológica, transforma-se sob a ação da cultura, fazendo da criança um ser humano”. Essa afirmação de Pino (2005) reforça a ideia da existência de “um duplo nascimento, o biológico e o cultural.” (PINO, 2005, p.34).

Dessa forma e sob tal complexidade, para a evolução de sua subjetividade o indivíduo apropria-se do que os outros anteriormente conceberam, num processo que se converte na internalização, para se agregar aos outros e deles se diferenciarem. Conseqüentemente, a subjetividade, mesmo sendo uma premissa particular e singular, será sempre um produto social. Como afirma Oliveira (1992, p. 26), “o homem desenvolve a capacidade de se apropriar das leis da natureza e transformá-las em órgãos da sua individualidade.” Portanto, este homem se torna humano quando se adaptando da produção social a torna órgão da sua individualidade. Sendo assim, sua subjetividade é concebida nesses processos de apropriação do social.

Torna-se fundamental, a compreensão de que a escola, particularmente a sala de aula, é um ambiente de interação onde professores e alunos são ligados pela relação com o saber e este ambiente produz repercussões subjetivas, pois as relações face a face formam subjetividades. Vygotski (1994), compreendendo que o aprendizado se expressa na interação com o outro, ou seja, de um desenvolvimento intersubjetivo para o intrapsíquico, afirma que o aluno ao internalizar um conceito, um conteúdo, internaliza<sup>1</sup> uma aprendizagem, realidade psíquica, subjetiva que contribuirá na constituição da sua subjetividade.

Cumpra mencionar que o modelo atual de educação delega as responsabilidades de mediação e intervenção do professor. Sendo assim, o docente necessita identificar, por intermédio de um diagnóstico pedagógico preciso os perfis de seus alunos, bem como suas potencialidades e dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Tendo em mãos essas informações, ele precisa conceber metodologias, utilizando-se de estratégias de mediação pedagógica, para assessorar os seus alunos nesse percurso em direção à aprendizagem. Ao observar transtornos de comportamentos ou transtornos específicos de aprendizagem, o docente ainda deve alertar a família, encaminhando-os para especialistas que possam avaliar o aluno e posteriormente oportunizar um diagnóstico clínico. Em diversas situações os professores ainda são impelidos a dedicar-se por aqueles que, para a família e para a escola são considerados “casos perdidos” ou “alunos problemas”. Deste modo, é possível considerar que o docente é configurado, no processo de educação e no contexto escolar de sala de aula,

---

<sup>1</sup> A internalização é um conceito vygotskiano que implica na reconstrução interna de processos construídos na interação com outro (CAVALCANTI, 2005).

como um formador, como aquele que lida não apenas com conteúdo e conhecimentos, mas, sobretudo com um conteúdo vivo e em formação, o seu aluno.

É importante frisar que não se renega ou desvaloriza a realidade social e educacional dos alunos, pelo contrário, sabe-se que a constituição da subjetividade não se reduz apenas à escola, ou à sala de aula, e ao professor. Tem-se consciência que ela suplanta o espaço escolar, mas, compreende-se também que a escola e a sala de aula são espaços de formação por primazia e que o discurso e as práticas do professor é significativo na construção de subjetividades.

Compactua-se com Moraes, Ciasca e Ribeiro (2007), ao afirmarem que o processo de aprendizagem engloba interação e integração de aspectos cognitivos, emoções, aspectos ambientais, métodos de ensino e a vida sócio familiar. Diante do mencionado, não se pode antepor nenhum aspecto em detrimento dos outros, reivindica-se o aspecto cognitivo, como também o aspecto emocional no processo de aprendizagem. Porém, também é primordial o aspecto familiar, que vai do afetivo até a disciplina diária. Importante esclarecer que se o TDAH está associado, principalmente, às dificuldades escolares, também não se deve desligá-lo dos outros aspectos que envolvem o processo de aprendizagem. O que ocorre com muita regularidade é que se rotulam os transtornos específicos de aprendizagem, relacionam-se os sintomas básicos deste transtorno, medicaliza-se os indivíduos, sem concluir-se um diagnóstico específico. Vale destacar que diagnosticar o TDAH, não significa ignorar os outros aspectos que abrangem o processo de aprendizagem. Visualiza-se apenas o transtorno como significativo fator causal e não se aborda questões como: as circunstâncias familiares, as deficiências da escola e do processo didático-pedagógico, e tudo isto, sem considerar a individualidade da criança. O viável seria buscar compreender e diferenciar dificuldades escolares decorrentes de todo um sistema inapropriado, das dificuldades que sucedem de algum transtorno especificamente individualizado.

Nestes autores, encontra-se suporte teórico para discutir a questão do TDAH e do processo de aprendizagem, onde ocorre a interação de aspectos próprios da criança, seus sistemas cognitivos, emoções, aspectos socioambientais como também a questão das práticas pedagógicas. Em Vygotski tem-se, como afirma González Rey (2013), uma configuração da psique através da articulação inseparável do histórico, do social e cultural. Assim, apesar de reconhecermos o TDAH como um transtorno neuropsicológico que determinará traços dentro de um imaginário comportamental da psicologia, da educação, da família e do contexto social, tem-se que entender que o indivíduo e sua subjetividade são constituídos como uma organização complexa, que vai além de um transtorno.

É inegável que pelo TDAH o aluno apresenta dificuldades escolares que ocasionam num débil desempenho escolar e que, portanto, quando diagnosticado e acompanhado com terapêutica medicamentosa, pode haver um progresso significativo no desempenho

acadêmico. Todavia, não se soluciona o problema da aprendizagem tratando apenas os sintomas no indivíduo, é imprescindível que se confronte outras questões tais como: práticas pedagógicas homogeneizantes, professores desmotivados e despreparados para enfrentar as diferenças e diversidades no contexto escolar, entre outras.

Importante considerar que em sala de aula, o aluno com TDAH tem seu processo de interação com outros sujeitos, depois de sua família. Neste ambiente, as diferenças são acentuadas, passando a conviver com indivíduos diferentes e constituindo novas relações e interações sociais (DESIDÉRIO; MIYASAKI, 2007). É neste cenário que o aluno com TDAH passa a ser percebido em suas dificuldades e rapidamente identificado em seu comportamento julgado fora do padrão determinado pela escola. No contexto específico da sala de aula, o professor passa a se sentir alertado pelo comportamento deste aluno, pois o mesmo não corresponde às expectativas da instituição. Dado o exposto pode se dizer que apesar de ter seu direito de escolarização garantido por lei este aluno sofre com os rótulos e com o estigma de ser um aluno considerado “problema”, sendo considerado por alguns educadores como um incômodo na sala de aula (BONADIO; MORI, 2013)

Ao analisar-se como a escola pode interferir na constituição da subjetividade do estudante com TDAH, parte-se do princípio de que esse sujeito não nasce com sua individualidade já constituída, ela vai sendo estruturada na sua relação com a sociedade, por intermédio do discurso do outro. Deste modo, a Psicologia histórico-cultural, de acordo com González Rey (2011), proporciona, assim, uma colaboração valorosa para a investigação do TDAH e da constituição da subjetividade da pessoa que vivencia esse transtorno, pois desfaz a ideia de se dedicar-se ao sintoma somente como uma categoria descritiva, delimitada pelo comportamento concreto, não se considerando os estados afetivos da pessoa com esse diagnóstico. Dessa forma, esse autor suplanta o posicionamento de esclarecer o estado do indivíduo rotulando-o, excluindo as consequências e os processos da subjetividade, considerando o transtorno como efeito de agentes externos, minimizando as internalizações do indivíduo e a constituição da subjetividade.

Ao reconhecer a interferência do discurso na composição da subjetividade em alunos com TDAH é fundamental que a sala de aula seja um ambiente de procura de negociações de sentidos, tanto do professor como do aluno, pois ambos são portadores de subjetividades ímpares. O discurso do professor está, pois, transpassado de sentidos subjetivos, não apenas de conteúdos escolares. Esse aluno e esse professor necessitam desse modo, atuar no conhecimento, integrando cognição e afeto, simbólico e emocional, social e individual, a integração deve englobar algo mais do que inovações tecnológicas e outros recursos que

propiciem o avanço e o desenvolvimento escolar e conseqüentemente uma aprendizagem plenamente significativa.

Os estudantes com TDAH por não se enquadrarem nas exigências e normas do contexto escolar são, muitas vezes, rotulados e estigmatizados como alunos problemáticos. Essas rotulações podem ocasionar impactos psicoemocionais em quem as recebem, neste caso específico no estudante com TDAH, produzindo estigmas e preconceitos, podendo implicar na constituição da subjetividade deste estudante. É preciso insistir também no fato de que o educador deve compreender que o aluno com transtorno pode e deve ser sujeito de sua própria aprendizagem, e que este apresenta dificuldades de aprendizagem específicas e que estas podem ocasionar em comportamentos e posturas por muitos considerada como inconveniente. Oliveira (2012) adverte para a importância de compreender o mundo subjetivo do aluno de forma que seja possível contribuir para o seu processo de aprendizagem e entender suas limitações.

Pertinente se torna ainda, interpretar e perceber todo o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem, levando-se em consideração as suas vivências, tendo em vista que a partir dessas concepções poderão ser viabilizadas estratégias pedagógicas e motivacionais que incitem o aluno a apoderar-se de seu processo de ensino e aprendizagem e assim conceber a sua própria subjetividades escolar. O compartilhamento de situações que estimulem, desafie e motive o aluno com deficiência é uma direção favorável à aprendizagem. Oliveira (2012) esclarece que:

Não basta somente —transmitir o conteúdo, é preciso se organizar didaticamente e criativamente e, acima de tudo, investir na relação com o aluno. É necessário articular os subsídios teóricos em conjunto com a ação ou a prática a ser desenvolvida, para assim, não cair em uma aula tradicional, linear e focada somente no conteúdo. E sim, em uma aula voltada para a aprendizagem do aluno, que utiliza várias formas interdisciplinares, transdisciplinares, motivadoras e interativas, e também com recursos pedagógicos na tentativa de envolver o aluno a desenvolver suas possibilidades de aprendizagem. Contudo, o método de ensino é basicamente uma ação a ser colocada em virtude teórica dos objetivos e dos conteúdos estabelecidos para serem atingidos. Mas é preciso encontrar uma forma inovadora de ensinar. Através da criação de uma estratégia pedagógica que organiza os instrumentos teóricos e práticos possibilitando a sistematização do conhecimento pelo aluno, este tem mais chances de internalizar os significados aprendidos por toda a sua vida.

Oliveira (2012) apud González Rey e Mitjans Martínez (2006) reforça que cada dificuldade de aprendizagem apresenta especificidades, não sendo possível reunir todas elas em uma só, outrossim, as dificuldades estão relacionadas ao processo de aprendizagem.

Podendo ser constituídas de duas formas: (a) quando são dificuldades observadas desde o nascimento, impedindo ao sujeito acompanhar o ritmo de aprendizagem dos outros alunos; (b) quando as dificuldades se constituem na subjetividade em função das relações vivenciais principalmente na escola. Relacionado a esta segunda hipótese, nota-se que o sujeito se depara com experiências contrárias associadas à aprendizagem, não obtendo sucesso no processo de aprendizagem, em face de bloqueios psicológicos ocasionados no conjunto de experiências sociais-família, cultura, sociedade e escola.

Em virtude dos aspectos mencionados, é fundamental para que no processo de aprendizagem do aluno com TDAH o docente demonstre dedicação e estudo dos casos e ainda uma mudança nas estratégias de ensino priorizando a motivação deste público. Um fator alarmante é que muitos professores desconhecem como agir e por onde iniciar seu trabalho pedagógico junto a estes alunos. Para Rohde e Benczik (1999) e Rohde e Mattos (2003), é imprescindível que o docente possua conhecimentos sobre o assunto, compreenda seu aluno com um ser subjetivo e entenda suas limitações e particularidades, somente assim, o atendimento a estes alunos será mais eficaz.

### CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida foi motivada pelo interesse em investigar o comportamento do aluno TDHA, as possíveis consequências na relação do processo de ensino e aprendizagem e suas implicações no processo de inclusão em uma Escola Pública do Distrito Federal. Para responder à questão central da pesquisa, foram determinados os seguintes objetivos específicos:

- Compreender as características do TDAH;
- Identificar a percepção dos professores sobre os aspectos facilitadores e as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem do aluno diagnóstico de TDAH;
- Verificar como ocorre o processo de inclusão do aluno no ambiente escolar;
- Identificar a participação da família no processo de inclusão e ensino aprendizagem do discente.

A metodologia é muito mais que técnicas. Ela é traduzida pelas concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. Entretanto, nada substitui a criatividade do pesquisador. A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi à abordagem qualitativa a qual é constituída por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos intrínsecos. Deste modo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis.

De acordo com Minayo (2008), os métodos quantitativos têm o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos.

A pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório, pois provoca o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Na pesquisa qualitativa, os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios ou análises das informações, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários do público entrevistado.

O método utilizado foi o Estudo de Caso, que segundo Lüdke e André (1986, p.17), deve ser escolhido “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo”. Este método permite ao pesquisador aprofundar o conhecimento sobre determinado fato/fenômeno/contexto. É utilizado quando se deseja cobrir condições contextuais,

acreditando que estas são altamente pertinentes ao fenômeno estudado. O contexto e o fenômeno não podem ser separados na vida real. De acordo com Fialho e Neubauer (s.d):

O Estudo de Caso, por si só, caracteriza-se por ser um tipo de pesquisa que apresenta como objeto uma unidade que se possa analisar de forma mais aprofundada. Visa, assim, ao exame detalhado de um ambiente, ou de um local, ou, de uma situação qualquer, ou, ainda, de um determinado objeto, ou, simplesmente de um sujeito ou de uma situação. Pode, então, ser conceituado como um modo de coletar informação específica e detalhada, frequentemente de natureza pessoal, envolvendo o pesquisador, sobre o comportamento de um indivíduo ou grupo de indivíduos em uma determinada situação e durante um período dado de tempo.

Participaram como sujeitos da pesquisa a professora regente da classe a qual em que o aluno se encontra matriculado e a família do mesmo, além do aluno com TDAH. Como instrumentos de pesquisa utilizou-se a entrevista semiestruturada composta por questões abertas e fechadas conforme Apêndice D e Apêndice C. A entrevista foi complementada com diálogos informais e observação do comportamento do aluno em sala de aula. Importante destacar que a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada pela observação participante enquanto estagiaria, sendo que em dois momentos ocorreram conversas informais com o aluno por curtos períodos até mesmo pelo fato de que este não conseguiu se concentrar na discussão, a qual permitiu a pesquisadora se posicionar como observadora de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.

Os instrumentos de pesquisa foram utilizados como indutores para construção da informação.

Os diversos instrumentos formam um sistema de informação que pretende a constituição de um espaço portador de sentido subjetivo. Eles não são uma representação geradora de respostas, mas é uma ferramenta que pretende, por meio de situações dialógicas, a expressão no contexto empírico. Eles são indutores que tem o objetivo de provocar manifestações no sujeito estudado e não estão definidos a priori podem ao longo da pesquisa tomar rumos diversos em função das necessidades do pesquisador (CORDEIRO, 2015, p.73).

Dessa forma, as informações constituídas e analisadas de modo interpretativo-construtivo primam pela articulação de elementos das dimensões subjetivas de cada sujeito pesquisado e visam atender os objetivos delimitados para a pesquisa. Diante da realização da

pesquisa, primando pela segurança e zelando pela imagem dos participantes, os nomes dos participantes serão preservados.

O estudo de caso foi constituído sobre um aluno de dez anos que foi diagnosticado com TDAH e que frequenta uma escola da rede pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

O estudo foi realizado por meio do uso dos seguintes procedimentos:

- 1) conversa informal com a criança por duas vezes durante o estágio no momento do recreio.
- 2) Anamnese com a família da criança em um dia por um período de duas horas em uma sala da escola em que o aluno se encontra matriculado.
- 3) Entrevista com a professora em horário oposto ao que leciona, com a intenção de não atrapalhar o bom andamento dos trabalhos pedagógicos.

Vale destacar que não foi possível uma conversa com a psicopedagoga da escola pois a mesma encontrava-se em licença médica.

As análises foram feitas a partir de uma triangulação dos resultados.

## CAPÍTULO 4: RESULTADOS

Tendo em vistas os questionamentos que levaram a elaboração deste estudo e aos objetivos propostos foi possível observar que o aluno Bruno possui todas as características do TDAH, é uma criança ativa, esperta, inteligente e aparentemente nota-se uma carência afetiva, tanto que ao ser elogiado, ao se estabelecer diálogo com ele é possível visualizar uma mudança positiva em seu comportamento. Mas de acordo com relatos da família apresenta um comportamento desatento e irrequieto, o que dificulta sua aprendizagem em algumas disciplinas. Diante do exposto, vale destacar que portadores de TDAH comumente apresentam baixa autoestima, pois estão constantemente recebendo críticas, podendo se tornar desestimulados com a escola. Elogiando e estimulando seu esforço, o aluno se sentirá valorizado, sua autoestima será protegida e teremos grandes chances de observar um crescimento acadêmico. De acordo com o manual DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual, 4ª edição) o TDAH se caracteriza por uma combinação de dois grupos de sintomas: 1) desatenção; 2) hiperatividade e impulsividade.

Segundo os próprios pais, para o manterem quieto permitem que o mesmo faça uso constante de meios tecnológicos, tais como: celular, computador, etc. Nota-se uma nítida ansiedade em seu discurso, fala muito rápido. Em sala de aula também tem pressa em responder as atividades e por este motivo acaba errando, apresentando o comportamento hiperativo minimizado devido ao uso de medicação. Percebe-se nitidamente a importância de que a família tenta repassar a outros recursos a função de manter a atenção da criança e também eximir-se da problemática de estar em constante atenção respondendo aos anseios e questionamentos do filho. Em relação a esse comportamento Belli (2008) acrescenta que as crianças com TDAH são impulsivas, agem sem pensar, fazem o que vem à cabeça, sem se preocuparem com as consequências. Por outro lado, são muito criativos, inventam situações inesperadas e inusitadas. Ou seja, as crianças com TDAH têm suas características bem explícitas.

Segundo os pais de Bruno o mesmo foi diagnosticado com TDAH aos seis anos, pois notaram que o mesmo era inquieto e que não se concentrava nas atividades que realizava: *“Era tudo muito complicado, pois não entendia nada sobre o comportamento de meu filho... então resolvemos procurar ajuda médica e nos surpreendemos com o diagnóstico [...]”*.

Em trechos da entrevista relatam que a única queixa em relação à criança refere-se à ausência de atenção: *“a professora reclama bastante da falta de atenção dele, pois não*

*consegue solucionar as atividades que ela manda.* ” Segundo Paulo Mattos (2007), o portador de TDAH é descrito como sendo pessoa inquieta, que muda de interesses e planos o tempo todo, tendo dificuldades em levar as coisas até o fim, pois detesta coisas monótonas e repetitivas. Além disso, algumas são impulsivas no seu dia a dia, tendem a ter problemas na sua vida acadêmica (em geral, as queixas começam na escola), bem como na vida profissional, social e familiar.

Oliveira (2012) tem convicção que a criança com TDHA:

Pode passar por inúmeras situações desconfortantes, podendo adquirir vergonha ou medo de se expor em sala de aula. Muitas dos problemas familiares podem resultar em problemas psicológicos e de relacionamentos futuros, existirão várias dificuldades que o adolescente passará em decorrência do distúrbio, mas com a devida orientação, com um acompanhamento pedagógico diferenciado, e diversos apoios tanto por parte da família como da escola darão sustentação e a base para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

De acordo com os pais de Bruno a mudança mais significativa após o diagnóstico foi a aceitação do mesmo pelas regras familiares impostas e o fato de agora reconhecerem as limitações e algumas atitudes do filho: *“Saber o que leva meu filho agir impulsivamente me deu um norte de como tratá-lo, mas ainda é tudo muito complicado, ele quebra os brinquedos com facilidade e fica se desculhando, mas parece não se importar [...]”*. Conforme Mattos (2005) a família deve compreender as dificuldades enfrentadas pela criança com TDHA e ainda que:

Ter TDAH significa ter sempre que se desculpar por ter quebrado algo, mexido em algo que não deveria, por fazer comentários fora de hora, por não ter sido suficientemente organizado, por esquecer as coisas, por perder objetos importantes, por furar a fila. Significa estar sempre nervoso pela a nota, ter que abrir mão o tempo todo de lazer para concluir tarefas escolares (nada consegue ser terminado no tempo previamente planejado, que chateação!) e dizer coisas dos quais se arrepende. Ou seja, significa ser responsabilizado por coisas sobre as quais na verdade se tem pouco controle! Torna-se inevitável a sensação do sujeito meio inadequado. (p.70)

Torna-se primordial que os pais compreendam as especificidades da criança com TDHA, tendo em vista que a sua importância no processo de desenvolvimento do mesmo. Oliveira (2012) esclarece que:

No caso do filho, do aluno com Déficit de Atenção, deve-se ter uma atenção e um apoio substancial quando se trata de dar educação seja por parte da família seja por

parte da escola. Contudo, não é querendo afirmar que todas as famílias são assim, mas são necessárias famílias que eduquem e se esforcem para verem realmente seus filhos progredirem. Muitos pais criticam seus filhos sem ao menos saber escutá-los e ouvi-los. Um filho com déficit de atenção precisa ser ouvido e escutado, precisa ser motivado e elogiado.

Os pais relatam não terem feito nada para amenizar o comportamento hiperativo, pois deixou a escolha para o filho e este não decidiu o que fazer. Detalha que a criança faz uso de medicamentos há 04 anos e o uso será contínuo até a liberação do médico que o assiste. Para os pais a maior dificuldade encontra-se em ter que repetir os comandos para o filho e ainda lidar com a sua “energia”. *“Graças a Deus a medicação tem sido uma benção, pois assim ele fica mais tranquilo, pois temos muitas dificuldades em ter que ficar repetindo as coisas para ele.”* Cordeiro (2011, p.17) assinala que: A vivência do aluno num ambiente familiar é muito importante, pois se reflete diretamente em seu desempenho escolar. Se em casa os pais têm dificuldade em estabelecer normas de conduta, isso pode contribuir para aumento dos comportamentos inadequados das crianças, principalmente as que possuem TDAH, pois elas não terão bases para se nortear, nem consciência sobre a noção de limite e, por isso, não saberão respeitá-lo em ambiente escolar.

Em relação a atual professora de Bruno cumpre mencionar que está lotada na instituição há um ano e segundo ela já atuou anteriormente com alunos com TDAH, possuindo formação específica na área. Durante a observação foi possível notar que a professora organiza a classe de forma heterogênea de acordo com os níveis de aprendizagem e em duplas, o segundo ela tem sido um facilitador na apropriação do conhecimento pelos alunos. Relata que o nível de aprendizagem de Bruno encontra-se em acordo com o nível esperado, e que ele não apresenta comportamento hiperativo devido ao uso constante e correto da medicação.

Descreve em seu relato que Bruno apresenta erros de escrita ao copiar do quadro devido a sua pressa em executar o proposto, sendo possível aqui visualizar traços característicos do transtorno, e que o mesmo consegue acompanhar a classe na execução das atividades propostas. Silva (2003 p.83) sugere que diante dessa perspectiva o professor “[...] alterne os métodos de ensino, evite aulas repetitivas e monótonas. Aulas mais prazerosas, com doses de emoção e criatividade, despertam o interesse da criança TDAH, facilitando o aprendizado [...]”, enquanto Silva (2011) assegura que:

É a prática do professor que pode possibilitar possíveis modificações no ensino, para assim melhorar a aprendizagem dos conteúdos do aluno. Para isto cabe a este profissional educador, ser atualizado para adaptar a abordagem de conteúdos e a

forma de avaliar o seu aluno. Então de toda forma cabe ao educador com seu papel de mediador tornar a deficiência uma possibilidade.

Detalha que o discente não solicita auxílio, mas mesmo assim a docente constantemente oferece o suporte necessário. A professora observa que o aluno apresenta maiores dificuldades em atividades que necessitem de um raciocínio lógico matemático. Visualiza-se então a necessidade de que a docente oportunize atividades que incitem o aluno a investigação e o motive para a aprendizagem. Nesta concepção, Oliveira (2012) aponta que:

É preciso compreender as dificuldades de aprendizagem de determinado contexto escolar. O contexto escolar de crianças, adolescentes e adultos; compreender o universo desses três contextos faz com que entenda as suas dificuldades de aprendizagem e compreenda quais os requisitos básicos para intervir neste processo de aprendizagem [...]. Quando pensamos em colocar em prática uma estratégia de ensino a um aluno, a primeira coisa a se pensar é como organizar toda a modalidade de ensino a ser trabalhada. Essa organização deve ser minuciosa, atenciosa e, principalmente, saber envolver todo o processo de interdependência dos objetivos da aula, do conteúdo a ser ensinado e dos métodos/procedimentos a serem utilizados. Desenvolvendo assim, objetivos e conteúdo para a melhor assimilação do conhecimento pelos alunos. Esses três moldes didáticos (objetivos, conteúdos e procedimentos) são os meios pelos quais a intervenção dará origem e suporte para a aprendizagem do aluno. O professor sabendo usar esse processo de maneira organizada e criativa conseguirá ensinar e incentivar o aluno a aprender.

Durante a entrevista ficou visível que a professora acredita e defende o uso da medicação, pois segundo ela é uma grande aliada, pois permite uma maior concentração por parte do aluno e faz com que o mesmo não fique agitado. Relata que a família é presente e auxilia no processo de escolarização de Bruno. Considera que sua maior dificuldade para lidar com o aluno TDAH refere-se à distração e a inquietação: “[...] *é muito complicado se trabalhar com uma criança que demonstra inquietação na execução das atividades, ele erra muito ao copiar do quadro, pois quer concluir antes dos outros e assim percebo muitos erros na escrita, e ao pedir que refaça ele demonstra inquietação. Preciso constantemente estar chamando a atenção dele... Mas posso dizer com veemência que graças a Deus ele faz uso da Ritalina, pois acredito que sem ela seria muito difícil mantê-lo em sala de aula.* ”.

Percebe em trechos do discurso que a docente necessita emergencial de mudanças de paradigmas a serem refletidas em sua prática pedagógica, tendo em vista que deve reconhecer o seu aluno como um ser subjetivo em plena formação e ainda considerar e compreender as particularidades do transtorno. Em Mattos (2005) encontra-se uma referência que vem de

encontro à fala dos professores quando descreveram as dificuldades que envolvem o atendimento ao aluno com TDAH:

“O professor ideal tem mais “jogo de cintura” e criatividade para gerar uma variedade de alternativas, avaliando qual delas” funcionou melhor” para aquela situação em particular. Ou seja, ele tem que ser capaz de modificar as estratégias de ensino, de modo adequá-las ao estilo de aprendizagem da criança. (p.96).

Durante as entrevistas, foi notado que tanto os pais como a professora acreditam e defendem o uso da medicação porque a mesma permanece quieta e concentra-se na execução das atividades propostas, mas um fator deve ser observado, pois a medicação faz com que a criança fique mais quieta, mas contida quimicamente.

Foi possível observar ainda que existem elementos que indicam que a professora está mobilizada pela valorização do aluno com TDAH, sendo que se coloca na situação de sujeito, mas necessita reorganizar sua prática pedagógica tendo em vista a aprendizagem do aluno. Em relação à família conclui-se que esta precisa reconhecer o filho como um sujeito subjetivo e em formação, ao relatar que aprendeu a lidar com as limitações do filho, ao mesmo tempo se contradiz ao dizer que encontra dificuldades no manejo com a criança. Revela-se aqui a necessidade de mudança de posturas não só da família, mas também da professora. Diante dessas constatações pode-se afirmar ainda a real necessidade de se pensar em processos que irão facilitar a prática pedagógica do professor e propiciar a aprendizagem desse aluno em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão teve como objetivo investigar o comportamento do aluno TDHA, as possíveis consequências na relação do processo e aprendizagem e suas implicações no processo de inclusão em uma Escola Pública do Distrito Federal.

Durante o estudo foi possível concluir que quando se pensa em colocar em prática uma estratégia de ensino a um aluno, a primeira coisa a se pensar é como organizar toda a modalidade de ensino a ser trabalhada. Essa organização deve ser minuciosa, atenciosa e, principalmente, saber envolver todo o processo de interdependência dos objetivos da aula, do conteúdo a ser ensinado e dos métodos/procedimentos a serem utilizados. Desenvolvendo assim, objetivos e conteúdo para a melhor assimilação do conhecimento pelos alunos. Esses três moldes didáticos (objetivos, conteúdos e procedimentos) são os meios pelos quais a intervenção dará origem e suporte para a aprendizagem do aluno. O professor sabendo usar esse processo de maneira organizada e criativa conseguirá ensinar e incentivar o aluno a aprender e ser autor de seu processo de aprendizagem.

Cumprе mencionar que atualmente, muito se tem falado a respeito do uso de diagnósticos psiquiátricos para justificar problemas de aprendizado, de comportamento, ou até mesmo dificuldade dos pais em educar seus filhos. O diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um bom exemplo. Muito presente na mídia, esse quadro reúne tanto admiradores como ferrenhos opositores. Outro tópico bastante polêmico é o uso de medicações em crianças e adolescentes. Tem sido questionado se os efeitos colaterais das medicações não seriam mais prejudiciais que os próprios sintomas; se existe ou não o risco de os pacientes ficarem “dependentes”; ou se as medicações poderiam causar mudanças ou danos permanentes ao cérebro. Em relação ao TDAH, diz até que a medicação mais comumente usada no seu tratamento, o metilfenidato, faria com que essas crianças ficassem “boazinhas”, “obedientes”, pois na verdade “retiram a espontaneidade ou a criatividade das crianças”.

Convém ainda ressaltar que existem muitas dúvidas e mitos sobre o TDAH. O desconhecimento ainda persiste entre médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, pedagogos, familiares e os próprios portadores do TDAH. Entre os educadores, esse desconhecimento aumenta as sensações de impotência e frustração, pois o TDAH afeta não apenas o comportamento, mas também o processo de aprendizado de seus portadores. Grande parte da literatura aborda apenas os aspectos comportamentais do TDAH.

Outro fator que merece destaque é que apesar das enormes vantagens que o DSM-IV e a CID-10 proporcionaram, é preciso estar atento para que eles não sejam utilizados de forma equivocada. Ou seja, os manuais nunca podem ser usados para estigmatizar as pessoas. Da mesma forma, é importante lembrar que o diagnóstico é o início do tratamento, não o seu fim. Levantou-se essa questão porque muitos professores perguntam se ao dizer o diagnóstico para alguém ou discutir sobre o mesmo com a família não existe o risco de “rotular” o paciente.

Vale destacar ainda que as dificuldades enfrentadas pelos alunos com TDAH na escola, muitas vezes, são principalmente atribuídas às dificuldades comportamentais por eles apresentadas. Entretanto, as crianças com TDAH podem apresentar comprometimentos em diversas funções psíquicas que contribuem para o fracasso escolar.

Diante dos aspectos mencionados pode-se concluir que o TDAH não é um transtorno que afeta apenas o comportamento da criança. Na medida em que afeta também a capacidade para a aprendizagem, a escola precisa assumir o importante papel de organizar os processos de ensino de forma a favorecer ao máximo a aprendizagem. Para tal, é necessário que direção, coordenações, equipe técnica e professores se unam para planejar e implementar as técnicas e estratégias de ensino que melhor atendam às necessidades dos alunos que se encontram sob sua responsabilidade. O mais importante é o professor conhecer o TDAH e reconhecer que essas crianças necessitam de ajuda. Além disso, utilizar estratégias que possam ajudá-las no aprendizado também é fundamental para o tratamento dos portadores de TDAH. E no mais para manter a atenção desse aluno e motivá-lo perante as dificuldades enfrentadas devido ao transtorno, o trabalho de intervenção junto a este aluno exige um planejamento sistematizado das aulas, com encaminhamento metodológico adequado, que contemple, por exemplo, atividades envolvendo símbolos e significados. O uso de recursos diversificados pelo professor em suas aulas possibilitará ao estudante com TDAH experiências acadêmicas perceptivas, integradas e dinâmicas, e, por conseguinte lhe propiciará uma aprendizagem realmente significativa.

Entendendo-se que a medicação não seja a solução do transtorno, embora haja a defesa de que ela contribui para amenizar o quadro. Torna-se fundamental, a utilização de metodologia e recursos que permitam uma performance mais adequada no atendimento ao aluno com TDAH. Concordamos com Cordeiro (2011, p.31), quando assevera que é necessário “[...] que sejam realizados mais estudos sobre intervenções no contexto escolar de que se desenvolvam atividades que trabalhem com as necessidades desses dos alunos que possuem o transtorno [...]”, ou seja, é importante que os métodos utilizados nas escolas sejam repensados, uma vez que, esses alunos não vêm recebendo a atenção necessária e que possa

contribuir para o acesso ao conhecimento. Quanto à formação docente, entende-se ser necessário à oferta de curso de capacitação e especialização que visem a qualificação dos professores, para o atendimento aos alunos com TDAH.

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Durante toda minha vida sempre pensei qual carreira profissional seguir, é uma decisão difícil muitas vezes, ao longo desses anos da graduação, mais precisamente no estágio obrigatório me identifiquei muito com a educação infantil, e nela após minha formação quero poder trabalhar, aprender a cada dia com as crianças. Temporariamente pretendo trabalhar na rede privada, mas almejando e me capacitando para ser professora da SEDF, onde é meu maior sonho. No próximo ano pretendo fazer uma especialização em psicopedagogia, aprender cada vez mais, para que possa ser cada dia melhor para meus alunos. Este estudo propiciou um aprendizado valioso para a minha prática enquanto futura docente. Os aspectos relacionados à entrevista poderão subsidiar novos estudos em observância da visão que família e docente tem acerca do TDHA.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lofuto. **A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5.** Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452014000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007). Acesso em: 09/09/2017;

ARROYO, M. G. **Políticas Públicas Educacionais, Igualdades e Diferenças.** Disponível em <<http://googleweblight.com/?liteurl=http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19969&ei=pt-BR>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ARRUDA, Marco Antônio. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: abordagem sinóptica para o não especialista.** In. VALLE, Luiza E. L. R. do; PINTO, Katia O. (Orgs.) **Mente e corpo: integração multidisciplinar em neuropsicologia.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICT DE ATENÇÃO. **Perguntas mais frequentes e suas respostas.** Disponível em: <http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/tdah-perguntas-mais-frequeentes-e-suas-respostas.html>. Acesso em 09/09/2017.

BARKLEY, Russel A. et al (Org.). **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo para pais professores e profissionais da saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BONADIO, R. A. A.; MORIN, N.R. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Diagnóstico e Prática Pedagógica.** Maringá: Eduem, 2013, 252p.

BRANDÃO, Hortênsia Maria Dantas. **Uma persepctiva psicanalítica sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/hortensia\\_brandao\\_tese.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/hortensia_brandao_tese.pdf). Acesso em 09/09/2017.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente.** Revista Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998.

CORDEIRO, R. L. **Dimensões Subjetivas de Professores de uma Escola Pública do Distrito Federal no Contexto da Educação Inclusiva.** Disponível em <[www.repositório.unb.br](http://www.repositório.unb.br)>. Acesso em 20 out. 2015.

CORDEIRO, Suzy Maria Nunes. **As implicações do TDAH na aprendizagem escolar e desenvolvimento de crianças de 6 a 12 anos.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2011.

COUTO, Taciana de Souza; MELO-JÚNIOR, Mário Ribeiro de; GOMES, Cláudia Roberta. **Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):**

uma revisão. Disponível em:  
[http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15\\_1/m202\\_09.pdf](http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15_1/m202_09.pdf). Acesso em: 09/09/2017.

CRAFT, D.H. **Distúrbios de Aprendizagem e Déficits de Atenção**. In. WINNICK, J. Educação Física e Esportes adaptados. São Paulo A: Manole, 2004.

CUNHA, Ana Cristina Teixeira. **Importância das atividades lúdicas na criança com hiperatividade e déficit de atenção segundo a perspectiva dos professores**. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2012.

DESIDÉRIO, Rosimeire C. S.; MIYASAKI, Maria Cristina de O. S. **Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família**. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572007000100018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100018). Acesso em 09/09/2017.

DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FIALHO, José Tarciso; NEUBAUER FILHO, Airton. **O Estudo de Caso Dirigido como Metodologia de Pesquisa para A Educação á Distância (Ead)**. Disponível em:  
[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/644\\_503.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/644_503.pdf). Acesso em 30/08/2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. Disponível em:  
[https://www.passeidireto.com/arquivo/3311114/pesquisa-qualitativa-e-subjetividade-os-processos-de-construcao-da-informacao->](https://www.passeidireto.com/arquivo/3311114/pesquisa-qualitativa-e-subjetividade-os-processos-de-construcao-da-informacao-). Acesso em 10 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Educação: desafios e projeções**. In: O A Rays. (org.). **Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 102-117.

\_\_\_\_\_. **O pensamento de Vigotsky: contribuições, desdobramentos e desenvolvimento**. São Paulo: Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200004). Acesso em 09/09/2017.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **TDAH é uma doença inventada?** Disponível em: [http://www.tdah.org.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=223:tdah-%C3%A9-uma-doen%C3%A7a-inventada?&Itemid=123&tmpl=component&print=1&lang=br](http://www.tdah.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=223:tdah-%C3%A9-uma-doen%C3%A7a-inventada?&Itemid=123&tmpl=component&print=1&lang=br). Acesso em: 14/08/2017.

\_\_\_\_\_. **Revista Nova Escola Omite Fatos.** In: ABDA (Associação Brasileira do Déficit de Atenção). Junho/2007. Disponível: <http://www.tdah.org.br/br/noticias/reportagens/item/195-revista-nova-escola-omitedados.html> Acessado em: 21/07/2017.

\_\_\_\_\_. **No Mundo da Lua:** perguntas e respostas sobre transtorno do Déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 7 ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2007.

MARTURANO, Edna Maria. **Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 135-142, maio/ago. 1999.

MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, Mas Como?** Trad. Vanise Dresch. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MITJÁNS MARTINEZ, A. **A Perspectiva Histórico-Cultural Da Subjetividade: Sua Significação Para O Trabalho Pedagógico Com Alunos Deficientes.** In: SILVA, A. M. M. *et al.* (Orgs). **Novas Subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da Inclusão Social.** Recife: Edições Bagaço, 2006.

MANTOAN, M. T. É. **Compreendendo a Deficiência Mental.** São Paulo: Editora Scipione, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAES, César de; CIASCA, Sylvia Maria; RIBEIRO, Maria Valeriana Moura. **Problemas escolares e sua associação com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; VALLE, Eduardo L. Ribeiro do. (Orgs.) **Neuropsiquiatria: infância e adolescência.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

NEIRA, M. G. **Educação Física: desenvolvendo competências.** São Paulo: Phorte, 2003.

OLIVEIRA, Bruna Monteiro de. **Acompanhamento Individualizado de um aluno com Déficit de Atenção:** construindo estratégias pedagógicas. Acesso em: 09/09/2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos.** In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PANTOJA, D. **O Processo de Aprendizagem: A Construção do Conhecimento.** In: WAJNSZTEJN, R. Dificuldades escolares: um desafio superável. São Paulo: Editora Ártemis, 2005.

PINO, Angel. **As marcas do humano:** às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotski. São Paulo. Cortez, 2005.

REIS, Maria das Graças Faustino; CAMARGO, Dulce Maria Pompêo de. **Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572008000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000100007). Acesso em: 09/09/2017.

ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de déficit de atenção: hiperatividade, o que é? Como ajudar?**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROHDE, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e Práticas em TDHA – Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2003.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: Entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas.** Rio de Janeiro: Napades, 2003.

SILVA, Caroline Mendes da. **O olhar psicoeducacional sobre um caso de TDHA na alfabetização.** Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3126/1/2011\\_CarolineMendesdaSilva.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3126/1/2011_CarolineMendesdaSilva.pdf). Acesso em: 09/09/2017.

TACCA, M. C.(org.). **Aprendizagem e Trabalho pedagógico.** 3. ed. Campinas: Alínea, 2014.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa.** 41. ed. São Paulo: Gente, 1996.

TUNES, E. Preconceito, Inclusão e Deficiência –o preconceito no limiar da deficiência.In: TUNES & BARTHOLO (Orgs.).**Nos limites da ação, preconceito, inclusão e deficiência.** São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo SP: Martins Fontes, 1998

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1996

\_\_\_\_\_. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas.** Tomo 5. Ciudad de La Habana: Pueblo Y Educación, 1995.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Teoria Histórico-Cultural e Aprendizagem Contextualizada.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/gilvieira/2011/02/02/teoria-historico-cultural-e-aprendizagem-contextualizada/>. Acesso em 09/09/2017.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 8. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

## APÊNDICE I – ENTREVISTA COM O PROFESSOR



Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Ferraz C. D. Freire  
Orientanda: Bruna Moura Alves

### QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Prezado professor (a)

Estou realizando um estudo de caso sobre TDAH para meu trabalho de conclusão de curso e gostaria de contar com sua colaboração. Peço por gentileza que responda com sinceridade e não se preocupe, pois, suas respostas serão usadas somente para fim de pesquisa e sua identidade será preservada.

#### 01. Identificação

- a) Há quanto tempo trabalha nesta escola?
- b) Já trabalhou com alunos com diagnóstico de TDAH anteriormente?
- c) Tem conhecimento do aluno com TDAH?

#### 02. Questionário

- a) Como é organizada a enturmação da turma? Existe uma organização diferenciada das demais turmas?
- b) O nível de desenvolvimento do aluno com TDAH corresponde ao nível esperado para o ano do ciclo? ( ) sim ( ) não
- c) Descreva algumas características do aluno com TDAH
  - 1. Comportamentais
  - 2. Aprendizagem
- d) Os aspectos comportamentais desse aluno interferem no desenvolvimento do trabalho em sala de aula? Justifique.
- e) Existem estratégias diferenciadas para trabalhar os aspectos comportamentais? Quais?

- f) Como é o relacionamento com os demais alunos?
- g) O aprendizado acompanha o ritmo da turma?
- h) Qual a disciplina que possui mais facilidade?
- i) Qual a disciplina que possui mais dificuldade?
- j) Na sua opinião quais motivações influenciariam na mudança de comportamento e aprendizado?
- k) Você acredita que a família interfere para a “cura” dos sintomas de TDAH?
- l) Como a família poderia ajudar?
- m) Qual sua maior dificuldade para lidar com as características do TDAH?

## APÊNDICE II – ENTREVISTA COM A FAMÍLIA



Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Ferraz C. D. Freire  
Orientanda: Bruna Moura Alves

### **Roteiro de entrevista com os pais**

- a.) Com quantos anos foi observado o comportamento de TDAH?
- b.) Antes do laudo vocês notaram algo diferente?
- c.) Recebem ou recebiam queixas da escola?
- d.) O que mudou antes e depois do diagnóstico?
- e.) O que tem feito para amenizar o comportamento hiperativo?
- f.) Percebe alguma habilidade nele?
- g.) Faz uso de medicamento? Há quanto tempo? O uso será contínuo?
- h.) Faz acompanhamento médico?
- i.) Qual sua maior dificuldade para lidar com ele?

**APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORA REGENTE**

Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos  
Área: Psicologia da Educação

PESQUISA: “ Um estudo de caso individualizado sobre TDAH: Sua interação no âmbito escolar: Principais dificuldades e motivações “.

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
Para professora regente**

Meu nome é Bruna Moura Alves aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 14/0132627, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire. “Estou realizando uma pesquisa para o trabalho de conclusão de curso “sobre “ Um estudo de caso individualizado sobre TDAH: Sua interação no âmbito escolar: Principais dificuldades e motivações “. Para isso, gostaria de solicitar sua autorização e contribuição para a aquisição de informações para a pesquisa, respondendo ao questionário e permitindo-me a observação em sala de aula sob autorização dos pais responsáveis. Suas informações pessoais serão preservadas.

A sua participação é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_